

Fábrica de Ebooks



Contos de Terror

organização
Ademir Pascale

CONTOS DE TERROR

Ademir Pascale

organização

Neyd Montingelli – **Emanuel R. Marques** – Amanda Leonardi
Juliano Barbosa – Miriam Santiago – **Dione Souto Rosa**
Maurício Montenegro – **Luis Maldonalle** – Danny Marks
Elicio Guerra – Igor Fernando de Oliveira – **Ramon Tellado Neto**
Renata Cezimbra – **James Gallagher Junior**
coautores

Contos de Terror
Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Imagem da capa: by Stockvault

Fábrica de Ebooks
www.fabricadeebooks.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais

2015

Patrocínio: Livro Destaque
www.livrodestaque.com.br

Índice

Amigo - Por Neyd Montingelli	6
Circo - Por Emanuel R. Marques.....	11
Bebendo Escuridão - Por Amanda Leonardi.....	13
Sonhos Corrompidos - Por Juliano Barbosa	16
A Oferta - Por Miriam Santiago	20
O Sacrifício - Por Dione Souto Rosa.....	23
Naquele Quarto - Por Maurício Montenegro	26
A Caçada - Por Luis Maldonalle	30
Malaquias - Por Danny Marks	36
A Marca da Besta - Por Elicio Guerra.....	38
Bichinho de Estimação - Por Igor Fernando de Oliveira.....	40
Na Floresta - Por Ramon Tellado Neto.....	44
Expressões e "Aberrações" - Por Renata Cezimbra.....	48
A Pequena Susie - Por James Gallagher Junior	54

— Vou morrer, disse-me ele, tenho de morrer desta deplorável loucura. Aqui, e só aqui, está o meu fim. Tenho medo dos acontecimentos futuros, não por eles mesmos, mas por seus efeitos. Estremeço com a ideia de qualquer incidente, mesmo do mais trivial, que possa influir nesta intolerável agitação de espírito. Na verdade, não tenho aversão ao perigo, exceto no seu efeito absoluto — no terror.

Edgar Allan Poe, *A Queda da Casa de Usher*

Amigo – Por Neyd Montingelli

A mãe para de bordar e ficou a olhar a filha sentada no tapete brincando. Os últimos raios solares entravam pela janela e um deles fazia brilhar os cachos loiros daquela pequena. A cena estava tão bonita que a jovem grávida esqueceu o que estava fazendo.

A menina de olhos verdes enfileirava os brinquedos, de vez em quando levantava a cabeça e olhava para o nada a sua frente. Às vezes conversava sozinha, como se uma outra criança estivesse ali ao seu lado. A mãe sorria e pensava:

— *Como é gostoso fazer de conta que tem um amigo. Ele sempre vai brincar do que a criança quer e nunca terá brigas, pois é o amigo ideal que a gente constrói com imaginação.*

De repente a menina fala ríspidamente e toma o brinquedo do amigo imaginário.

— Não é não. Esse elefante é bonzinho.

— *Nossa, acabei de pensar que a gente não briga com amigos de faz de conta...*

O telefone toca e ela levanta para atender deixando a cena esquecida.

Mais tarde, foram visitar a tia Josy. O pai abre a porta do elevador para que elas entrem. A menina corre para um canto e a mãe entra e vai até o outro lado.

— Cuidado mãe! Não pode esmagar meu amigo.

— Onde está seu amigo Clara? Aqui?

— Não mãe. Ele está parado ali no canto. E está bravo porque você quase pisou nele.

— Está bem, filha. Vou ficar aqui então.

A menina pula para conseguir ver-se no espelho e ri com alguma coisa. Os pais acham que ela está crescendo. Logo chegam ao andar.

— Seu amigo vai descer aqui também Clara?

— Não, ele vai ficar aqui. Ele não gosta da tia Josy.

A tia espera na porta e faz a maior festa pela chegada da família. Ao abraçar a pequena Clara, sua corrente enrosca nos cabelos cacheados e quando coloca a menina no chão ela arrebenta, fazendo o crucifixo cair longe.

— Olha só...Que pena, arrebentou. Cadê a cruz? Pega lá Clara, caiu ali perto do vaso.

— Eu não. Ela está quente.

— Como assim quente? Deixa que eu pego. Ui, credo. Está quente mesmo. Como você sabia que estava quente? Ôo Josy, sangue quente você...

A tia Josy pega a cruz e a corrente arrebentada e todos entram. O incidente ainda foi comentado no jantar.

No mês seguinte nasce o irmãozinho de Clara. A família recebe a visita de parentes e o bebê ganha presentes. Tia Josy foi visitar o bebê e levou um lindo crucifixo com corrente de ouro como presente.

— Levei a corrente para benzer e a vó Irma quis abençoar também. Ela disse que o bebê não pode ficar nem um minuto sem essa corrente. Sabe, achei até estranho o jeito dela. Fez um monte de rezas com a corrente.

A corrente foi colocada no bebê e, embora ficasse grande e desajeitada, a mãe jamais ia se atrever a descumprir uma recomendação da vó Irma.

No dia seguinte, ao sair do hospital, foram buscar a filha na casa da vó. Os pais escutavam a conversa dela com o irmão e sorriem um para o outro.

— Junior, eu vou mostrar para você o meu amigo.

Ao chegar em casa, muita arrumação e Clara foi brincar com suas bonecas na sala de TV. Mamãe estava cansada e foi dormir, papai pegou o bebê conforto com Junior dormindo e levou para a sala, assim deixava que ela dormisse sossegada.

O bebê ficou ali, no chão ao lado dela. Clara olhava aquele ser bem pequeno e comparava com suas bonecas. O pai estava vendo o jornal na TV distraído quando escutou:

— Não vou tirar. Foi a tia Josy que deu para ele. Não faça assim. Você faz careta para o meu irmão.

— O que foi isso Clara? Com quem você está falando? Quem está fazendo cara feia para o Junior? Você está brincando?

— É o meu amigo. Ele quer que eu tire a corrente que a tia deu para o Junior. Disse que é para eu tirar e jogar no lixo.

— Que brincadeira é essa? Não faça assim que é feio. Não pode assustar o Junior e muito menos tirar a corrente dele. Vai, vai brincar e deixe o bebê dormir.

Junior logo estava engatinhando pela casa. A corrente com o crucifixo não saía de seu pescoço e às vezes ficava enroscando nos brinquedos.

— Não, não vou tirar. A mamãe vai brigar comigo. Deixa o Junior, vem, vamos brincar com a Monster High.

— Cadê o Junior Clara? Escutei você falando agora com ele.

— Não sei mamãe. Não vi o Junior. Eu estava falando com o amigo.

— Pare com isso que já está enchendo. Vai procurar o Junior.

Mãe e filha reviram a casa atrás do bebê. De repente escuta-se um grito da mãe no andar de cima e Clara corre para ver o que é. Encontra a mãe sentada no chão da sacada do quarto aos prantos e com o bebê risonho no colo.

— Ele estava pendurado na grade por fora. Só não caiu porque a correntinha ficou presa. Foi protegido pelo presente da tia Josy. O Senhor, Senhor.

Clara desce as escadas e volta para as suas bonecas. Quando o pai entra em casa ainda escuta:

— Viu? E você quer o tempo todo que eu tire a corrente do Junior. Foi a corrente que salvou meu irmão.

Aquela noite foi de muita preocupação e trabalho. O pai fecha a porta da sacada e prende um cordão na chave. Colocou um prego no batente e deixou a chave pendurada ali.

— Pronto! Agora ninguém mais vai abrir essa porta. Só o papai ou a mamãe.

Junior cresceu muito rápido e logo estava subindo nos móveis, pulando na cama. O que ele mais gostava era de colocar a sua fantasia de superman e sair gritando pela casa. Subia no sofá e pulava sobre almofadas no chão.

Naquela tarde ele resolveu trocar a fantasia do homem de aço pela do homem aranha. A mãe disse que estava ocupada e ele foi sozinho mudar de roupa. Tirou uma fantasia e não conseguia colocar a camiseta da outra. Ficou berrando no quarto e a mãe foi atender.

— Junior! Você tirou sua correntinha junto com a fantasia do superman. Não pode. Nunca pode ficar sem ela. Olha, está aqui no chão. Vamos colocar.

Com a roupa do homem aranha o menino vai brincar na sala e sobe nos móveis dizendo que é o super-herói.

Um estrondo e uma gritaria são ouvidos. Clara e a mãe correm na sala de TV e encontram a enorme estante no chão em meio a cacos de cristais, livros e um menino pendurado pela correntinha no prego que segura um enfeite na parede. Não fosse pela corrente ter enroscado no prego, ele teria sido esmagado pela estante.

— Mais uma vez a corrente o salvou. Preciso agradecer à tia Josy.

Depois do almoço, Clara é encontrada sentada no canto de seu quarto falando sozinha e sempre muito triste. Esta cena se repete por vários dias. E ela só melhora o humor quando vai para a escola. Os pais estão estranhando o comportamento dela, cada vez mais arredio, triste e silencioso. Não fica perto do irmão, não brinca com ele e pouco lhe dirige a palavra. Quando vão sair de carro, ela senta no banco de trás e fica muda, só olhando pela janela, bem longe da cadeirinha dele.

Os pais já fizeram de tudo: conversa, agrado, briga. Nada. Ela não explica o comportamento. Apenas continua agindo assim.

Nas suas conversas com o amigo imaginário, a mãe por diversas vezes escuta:

— Não vou fazer isso. Não adianta você ficar falando. Eu gosto dele.

A mãe não sabe mais o que fazer e a leva a uma psicóloga. Na reunião com os pais depois da análise do caso, a psicóloga fala:

— Sua filha é uma criança normal. Ela gosta imensamente do irmão. Olhem os desenhos que ela fez do relacionamento deles. São todos perfeitos.

— E quanto a esse amigo imaginário que ela vive conversando?

— Bem, eu pedi que ela falasse dele. Ela disse que é um amigo que brinca com ela. Toda criança pequena pode ter uma fase que inventa personagens. É normal. Acho que na hora que comecei a conversar sobre o amigo ela já estava cansada de desenhar e de ficar comigo, pois fez uns desenhos bem feios dele. Olhem.

— Meu Senhor, que horrível. É um monstro! Parece um... Será que ela imagina o amigo dela com essa aparência? Coitada da minha filha.

— A sua filha é inteligente. Ela pode estar querendo me chocar, pois ficou contente quando eu disse que o amigo dela era “interessante”.

— E o que é que ela imagina que o amigo manda fazer? Várias vezes eu ouvi ela respondendo: não vou fazer isso.

— Posso fazer mais umas sessões com ela e tentar descobrir o que a imaginação dela está construindo na relação com o amigo.

— Quero ficar com esses desenhos da minha filha. Posso precisar para um dia conversar com ela.

Chegando em casa a mãe perguntou sobre o amigo e ela disse que ele estava descansando na varanda. A mãe insiste, pois não entende esta história de amigo imaginável que está há 5 anos acompanhando a filha.

— De onde é esse teu amigo? Como você conheceu?

— Não sei. Ele estava no meu quarto, deitado na minha cama.

— Quantos anos ele tem? Qual o nome dele?

— Ele disse que tem muitos anos, mas ainda é criança. Só vai ser adulto quando mandar alguém para o outro quarto. Eu não sei dizer o nome dele, daí eu só chamo de amigo.

— Desenhe o seu amigo para a mãe ver.

— Tá, mas ele não vai gostar.

— Por que não vai gostar? Eu queria conhecer ele.

— Não pode. Ele não quer conhecer ninguém. Disse que é só meu amigo.

Ela desenha no seu caderno. A mãe fica muito espantada.

— Nossa, filha este seu amigo é muito... estranho. Tudo bem, vai brincar.

Nervosa, a mãe leva os desenhos para o escritório do marido, onde ele está trabalhando.

— Jorge, veja isso. A Clara fez um desenho do “amigo”. Olhe aqui o desenho que ela fez lá na psicóloga, e agora olhe o de hoje. São iguais! Um monstro.

— Credo, se eu imaginasse um amigo para brincar, ia querer um mais bonitinho!

— Pare Jorge. Isto não é brincadeira.

— E qual é a preocupação? Deixe a menina com os amigos dela. Depois ela vai ter amigos de verdade e você vai ver, vai ter alguns bem feios no meio.

Os desenhos foram guardados no armário do quarto e o incidente esquecido.

Várias semanas se passaram e o amigo não era assunto da casa. Clara, no entanto, continuava diferente quanto ao irmão. Nem no quarto dele ela entrava. O menino aprendeu a ignorá-la também, tamanha era a distância entre eles. As sessões com a psicóloga não surtiram efeito quanto ao relacionamento da menina com o irmão. Os pais desistiram. Pelo menos ela não era rude com ele. Apenas não ficava perto.

Uma tarde quente de sábado, Clara brincava na sala, trocando as roupinhas. Junior estava na calçada dos fundos chutando bola e a mãe fazia seus bordados na sala de TV. Um telefonema urgente da prima falando que a tia Josy estava mal faz o casal sair às pressas para o hospital. Foi chamada a vizinha para ficar com as crianças.

Junior não queria entrar em casa. Queria ficar brincando com a bola lá no quintal, mas a mãe foi categórica: tem que ficar dentro de casa. O muro da casa é baixo e o portão está sem tranca, o menino

não poderia ficar sozinho lá fora. Sob protestos, chorando, Junior entra e fica soluçando na frente da TV.

Clara não se abala. Continua brincando.

A vizinha tenta acalmar o menino, mas a vontade dele brincar com a bola é mais forte e ele estava inconsolável. Levou um tempo enorme para que ele acalmasse e assistisse os desenhos.

A vizinha estava se divertindo com o Mickey na TV e nem percebeu que o menino saiu da sala. Um silêncio na casa. De repente escuta-se um barulho de alguma coisa quebrando e a vizinha sai assustada procurando o menino.

Encontra o danado em meio a cacos de cerâmica dos vasos que ficavam no peitoril da janela da copa e ele pendurado com meio corpo para fora. Estava com a correntinha engatada no gancho que fecha a janela. Por pouco não teria caído juntamente com os vasos, na calçada. Teria se machucado com os cacos, não fosse a providência da correntinha.

A vizinha não conseguia puxar o menino e o agarrou pelas roupas. Nesse resgate, a camiseta rasgou e a corrente se partiu em dois pedaços fazendo com que o crucifixo voasse longe pela janela. O menino ria muito, a situação tornou-se divertida para ele.

— Nunca mais faça isso menino chato. O que eu ia falar para sua mãe se você cáisse?

— Mas eu quero ir lá fora chutar bola! Não quero ficar aqui dentro...

— Nada disso. Sua mãe disse: assistir TV até ela voltar. Venha, vou pegar outra camiseta para você e fique lá na sala. Vou fazer pipoca para nós. Ih! Arreventou sua correntinha, você vai levar uma surra da sua mãe. O que tinha pendurado nela? Será que caiu por aqui?

O menino corre para a sala de TV com o peito nu.

Já estava com outra camiseta e comendo pipoca na sala, bem calmo quando os pais chegaram. A vizinha contou do incidente e o pequeno irrequieto levou bronca dos pais.

— Olha, a correntinha dele arreventou, mas foi ela que salvou este moleque de cair da janela.

— Outra vez esta correntinha, vou levar para consertar na segunda. Este menino não pode ficar sem a proteção da cruz. Onde está a cruz?

— Aaa, não sei. Eu procurei por tudo e não achei. Nem sabia que era uma cruz que tinha pendurada aí.

— Só se caiu lá fora. E agora nem dá para procurar, está escuro e começou a chover. Amanhã nós todos vamos lá fazer uma busca.

Clara só observava. Não saiu do lugar em nenhum momento.

Junior quicava ao lado do pai:

— Vamos jogar bola pai? Vamos?

— Hoje não dá mais Junior. Amanhã nós jogamos. Está escuro e chovendo.

— Pai, vamos na garagem...

— Chega Junior. Amanhã nós jogamos.

— Pai pega a bola que ficou lá fora?

— Claro que não. Já falei, está escuro e chovendo. E ainda, se eu pegar a bola você vai inventar de jogar bola aqui dentro e sua mãe vai ficar uma fera!

O menino não estava satisfeito e continuou a implorar ao pai pela bola.

Mãe e pai vão para a cozinha preparar um lanche. Estavam distraídos conversando sobre o mal estar da tia Josy que a levou ao pronto socorro e agora estava internada e sedada.

Junior estava na sala e chutava uma bexiga para lá e para cá. Clara não gostou da brincadeira do irmão e ralhou com ele.

O menino aprendeu que a irmã não queria que ele ficasse por perto enquanto ela brincava e subiu para o seu quarto.

Clara levanta-se do seu lugar de brincadeiras e começa a falar em tom de briga. A mãe sai da cozinha para ver o que era aquele palavreado todo e estranha a menina brigando com o nada.

— Clara, pare com isso. Que história de ficar conversando e brigando sozinha? Eu não gosto de ver você assim, já falei. Pare com isso e vai brincar sossegada.

— É o amigo. Ele não quer brincar.

— Não quero ouvir isso. Pare já. Junte suas coisas e vá agora tomar banho. Chega. Suba que eu já levo seu pijama.

A menina entristecida, junta os brinquedos na caixa azul e sobe tomar banho. A mãe em seguida sobe com o pijama.

— Junior. Clara, o Junior está aí?

A menina não responde porque está debaixo do chuveiro.

A mãe procura o menino no quarto dele, no quarto dela e depois vai até a escada e grita para o marido:

— O Junior está aí com você?

— Não, aqui não está. Deixa eu ver na cozinha. Não, aqui também não. Veja no nosso quarto. Ele gosta de ver TV lá.

A mãe vai até o quarto e começa a gritar. O pai sobe desesperado. Clara aparece enrolada na toalha.

Ao lado da porta aberta da sacada, uma cadeira. A luz acesa.

Todos correm pela sacada e o que veem é estarecedor. Lá em baixo, estatelado na calçada, jaz o corpo sem vida do pequeno Junior.

Clara está encostada na parede falando:

— Você não podia ter feito isso. Só porque ele estava sem a correntinha... Feio, nunca mais quero ser sua amiga.

Foi a última vez que viram Clara conversar com o amigo imaginário.

Minibiografia: Neyd Montingelli é Formada em Psicologia, tem 6 livros publicados e mais 24 antologias. Premiada nos concursos A Coroação, A Roupa do Imperador, A Lei Áurea, VersoLiberdade2014, Revista Pacheco 2014, Buriti 2014, Site do Escritor, Histórias para você dormir 2014; Noel Rosa e convidados, etc. Site: www.neydmontingelli.com.br. **Contato com a autora:** neydm@brturbo.com.br.

Circo – Por Emanuel R. Marques

O seu frágil corpo de cinco anos era insuficiente para conter toda a ansiedade que o seu espírito produzia. Os seus pais iam levá-lo ao circo, ia finalmente ver ao vivo os palhaços, criaturas que tanto o animavam à distância da televisão. As suas gargalhadas pueris, sempre que confrontado com aquele tipo de entretenimento, tinham já cativado a atenção dos progenitores e a chegada do circo à cidade dar-lhe-ia a alegre recompensa.

O pequeno Pedro, na sua inocente matemática, contava os dias que faltavam para o grandioso evento. Cada dia que passava era uma batalha ganha.

Chegou finalmente o ansiado dia. Assim que os seus olhos alcançaram a enorme tenda, o seu rosto iluminou-se com a forma de um sincero e rasgado riso. As luzes, os ruídos, os cheiros e a emoção tomavam conta dos seus sentidos. O espectáculo começou com elegantes camelos a exhibir um bailado de habilidades. Em seguida, um mágico manipulava a percepção do público com a ajuda de duas esguias assistentes. Mas não era disto que ele estava à espera e durante a actuação dos acrobatas conseguiu que o seu pai permitisse que ele se afastasse para junto da entrada da tenda. Tinha a sua fuga planeada e pronta a ser concretizada. Queria ver os palhaços e não conseguia esperar. Tinha de procurá-los. No curto espaço de tempo de uma corrida para fora da tenda, viu um palhaço a entrar para uma roulotte. Estava encontrada a sua direcção. Correu ofegante. Ao chegar junto da entreaberta porta viu, finalmente, os palhaços a uma distância próxima. Ficou eufórico, mas silencioso. Os palhaços estavam em círculo e iluminados por várias velas com pequenos paus de fumo em redor. Um dos palhaços proferia palavras que a compreensão de Pedro não alcançava. No centro daquela roda, um outro palhaço, amarrado a uma tábua de madeira vertical e com os olhos vendados e uma colorida fita em volta da sua boca, debatia-se numa tentativa de libertação. O ambiente era sinistro, mas para Pedro tudo era cor e animação. De súbito, um dos palhaços percebeu o olhar do intruso e com uma voz rude ordenou-lhe que saísse dali. Pedro tremeu de horror. A fonte da sua alegria acabava de o assustar. Ouviu o pai chamá-lo da entrada da tenda e correu para os seus braços. Assistiu em silêncio ao resto do espectáculo e quando chegou a actuação dos palhaços viu-os atirar tartes, água e outras provocações ao palhaço amarrado. Soltou algumas gargalhadas, mas a intimidação não deixou que fossem tão explosivas como seria de esperar. Nunca mais olharia para os palhaços da mesma forma.

Vinte anos mais tarde, Pedro, um saltimbanco de profissões, vivia sozinho no barato e minúsculo apartamento que ia conseguindo pagar. Os seus amigos, que gostavam bastante dele, organizaram-lhe uma festa surpresa pelo seu vigésimo quinto aniversário. Foi um belo jantar repleto de esperanças partilhadas, recordações de histórias passadas e algum vinho à mistura. Ana, a sua amiga de longa data, ofereceu-lhe um bilhete para um espectáculo de circo, pois recentemente ele havia comentado com ela que a única vez que assistira a este tipo de espectáculo fora aos cinco anos. Ele agradeceu o presente, mas durante alguns segundos, enquanto olhava o bilhete, não conseguiu evitar um calafrio que o remeteu para os sinistros seres pintados.

Uma semana passada desde o evento de aniversário e chegou o dia da sua ida ao circo. Iria sozinho e iria divertir-se. O espectáculo começou e ele deu por si a adorar todas as actuações que se apresentavam. Sentiu-se novamente criança e desejou a entrada dos palhaços. Os palhaços entraram em cena. Ele viu a expressão de alegria que as crianças tinham ao vê-los entrar. Não conseguiu evitar um nostálgico sorriso, mas este foi quebrado de imediato pelo olhar do reconhecível palhaço que lhe falara há vinte anos. O palhaço parecia reconhecê-lo e ele sentiu um sarcasmo visual transmitido por aquele rosto pintado. A actuação era exactamente igual à que ele vira no passado, onde um palhaço amarrado era vítima das peripécias dos outros. Pedro abandonou o recinto antes do final, carregando consigo a tenebrosa imagem daquele palhaço, que durante o espectáculo insistia em olhá-lo fixamente e lhe transmitia uma química de intimidação. Era altura de esquecer o sucedido e voltar ao seu afastamento de palhaços.

Dois dias depois, quando regressava a casa após um convívio com alguns amigos, ao conduzir pela estrada que atravessava uma pequena porção de floresta existente na cidade, viu alguém pedir boleia à beira da estrada. Sentiu-se um pouco intimidado, pois a noite já havia nascido e poucos eram os pontos de iluminação naquela estrada. No entanto, a eventualidade de ser alguém que necessitasse de ajuda não o fez recuar. Se houvesse algum perigo, ele podia sempre acelerar e avisar a polícia. Quando se encontrou a aproximadamente cinquenta metros de distância do transeunte reconheceu a figura. Era o palhaço que o encarara no circo. Em choque, virou abruptamente para trás e arrancou a grande velocidade. Chegou a casa com o coração prestes a explodir. Questionou a sua sanidade mental. Teria confundido uma qualquer pessoa com a assombração daquele palhaço? Era melhor tentar dormir e esquecer o episódio. O sono demorou a chegar, mas conseguiu finalmente adormecer. A meio da noite foi acordado pelo som de maxilares a roer algo, num hipnotizante mastigar. Julgou estar a sonhar, mas esticou-se para acender o candeeiro junto da sua cama. Foi então horrorizado pela presença do palhaço, em pé, no canto do seu quarto a comer uma maçã. Com o impacto desta visão desligou o candeeiro e voltou a ligá-lo. Sentiu um enorme alívio ao perceber que não existia palhaço algum e tudo fora fruto da sua fértil imaginação. O seu cérebro pregava-lhe partidas. Os pesadelos brincam com a mente das pessoas. Todavia, não conseguiu pregar olho durante o resto da noite. Estava atormentado por aquela ida ao circo. Decidiu que voltaria ao circo, não para assistir ao espectáculo mas sim para tentar saber algo mais acerca daqueles palhaços e, quem sabe, falar com eles e tranquilizar o seu pesadelo. Ao acordar, sentiu o alívio da luz do Sol. Respirou fundo e eis que, para terrível espanto, encontrou um caroço de maçã no chão do seu quarto. Não tinha por hábito comer no quarto e a última pessoa que vira a roer uma maçã fora o fantasma do palhaço. O seu corpo tremia descontroladamente.

Carregou a sua insónia para o acampamento circense e abordou a primeira pessoa que viu, a qual, por sinal, era o dono da companhia. Ao inquiri-lo quanto ao espectáculo dos palhaços, a resposta que recebeu foi assustadora. O dono do circo afirmou que já há vários anos que não usava palhaços, pois uma certa ocorrência, que ele não quis descrever, fez com que optasse pela não inclusão de palhaços. Pedro narrou-lhe o espectáculo a que assistira dias antes, mas o dono confirmou não existir algo do género na sua companhia. Para acalmar a inquietação que percebeu em Pedro, ofereceu-lhe um bilhete para o espectáculo do dia seguinte. O confuso Pedro aceitou o bilhete e sem qualquer coerência nos seus pensamentos regressou a casa. O medo acompanhou-o. Todo o dia seguinte foi de receosa excitação. Qualquer som o deixava alerta, qualquer imagem colorida lhe lembrava o universo dos palhaços.

Decidiu chegar ao circo após o espectáculo ter começado, pois assim não apanharia a azáfama da entrada dos outros espectadores e teria mais segurança para efectuar as suas pesquisas, quando todos estivessem concentrados no decorrer do evento. Começou por, cautelosamente, procurar alguma roulotte que pudesse ser a dos palhaços. Se por um lado desejava encontrá-la, para confirmar que não estava doido, por outro lado preferia que não existisse qualquer indício de palhaços naquele circo e que tudo aquilo fosse uma passageira artimanha da sua mente. Pouco demorou a encontrar resposta. Encontrou uma porta entreaberta e reconheceu-a. Aproximou-se e sentiu um arrepio na espinha. Em círculo, um grupo de palhaços, rodeados por velas num chão coberto de símbolos ritualistas, efectuavam uma estranha cerimónia. No centro, alguém vestido também de palhaço agonizava e tentava libertar-se das cordas que o prendiam. Uma caveira, sarcasticamente pintada como o rosto de um palhaço, estava aos seus pés. Subitamente, um dos palhaços que atacavam virou-se para Pedro e soltou uma gargalhada. Pedro ficou petrificado e foi de imediato agarrado pelos restantes.

O palhaço da gargalhada disse-lhe:

— Bem-vindo! Pedro foi amarrado e amordaçado. Tentou, em vão, soltar-se. O palhaço que antes ocupava o seu lugar pintava-o e ria de satisfação. Pedro perdeu a noção do tempo e sentiu os seus sentidos desfalecerem. Minutos depois ouviu uma multidão de risos e aplausos, enquanto os palhaços dançavam em seu redor. Começou a ser atacado e a sua involuntária prisão não era percebida pelos espectadores.

Nunca mais alguém soube do paradeiro de Pedro. Alguns amigos dizem que andava inquieto na altura do seu aniversário e, eventualmente, terá decidido viajar sem avisar. Outros dizem que seguiu o

seu velho sonho de infância e se juntou a uma companhia de circo. Deixou tudo para trás, incluindo os medicamentos que tomava desde a infância e de que tanto precisa para a sua sanidade.

Minibiografia: Emanuel R. Marques é Português. Formado em Comunicação Audiovisual. Autor e colaborador em vários projectos de conto, poesia, textos teatrais, música, vídeo, cartoon e outras artes visuais. **Contacto com o autor:** sumesest@hotmail.com.

Bebendo Escuridão – Por Amanda Leonardi

Não, eu não sou louco, nem supersticioso. Entretanto, há uma coisa que nunca faço: eu não posso, nunca, jamais, beber algo no escuro. Parece uma bobagem, não? E tal coisa nem poderia fazer muita diferença na vida de alguém, certo? Quem precisa beber algo no escuro, afinal? O problema é que eu preciso, apesar de, por algum motivo que desconheço, considerar tal ato errado. Sei que parece algo bem tolo, mas para mim é sério.

No início até era apenas uma tolice, não havia uma razão real para não beber no escuro – eu apenas sentia que havia algo de errado com isso. Então, comecei a criar teorias para explicar isso, comecei a pensar no assunto por horas, semanas, meses e até por anos. Fiquei quase – mas só quase! – paranóico com isso. Até que me dei conta: quando as luzes estão apagadas, ou tudo desaparece ou tudo vira escuridão – parte da escuridão – portanto, quando bebo algo no escuro, não estou bebendo a própria escuridão?

Portanto, na escuridão, qualquer bebida vira escuridão líquida, da qual se pode beber! Ou escuridão bebível, isso mesmo, escuridão bebível! Para situações como essa, neologismos são necessários e dizer que algo é bebível não é tão estranho como beber escuridão. Não, não me julgue, não estou louco, sei que isso é possível! Quer saber como tenho tanta certeza disso? Tudo bem, vou contar, juro que é tudo a mais pura verdade: tudo começou quando eu bebi no escuro uma noite. Já era bem tarde, depois das três da madrugada, eu estava sozinho no meu quarto e pensei em tentar. Nem estava com sede, mas tinha que testar minha teoria – para ver se estava certo ou só paranóico demais. Sabe o que aconteceu?

Senti que, se alguma forma que não consigo explicar, a minha alma escureceu. Desde aquela noite, comecei a me sentir deprimido, melancólico e, às vezes, até mesmo cruel. E depois de mais noites, a escuridão preenchia qualquer coisa melancólica na minha alma, me tornando apenas cada vez mais cruel. E a coisa mais visível e mais peculiar que ocorreu, e que prova que nada disso é apenas paranóia minha: meus olhos mostram uma mudança clara – a cor deles ficou bem mais escura. Dizem que os olhos são a janela da alma, se tal dito for verdadeiro, deve ser esse o motivo pelo qual, meus olhos, antes azuis, estão agora mais escuros do que o céu noturno.

E o problema é que não consigo mais parar de beber no escuro, estou viciado nisso! Sempre que as luzes do dia vão embora, ao primeiro relance da lua no céu anunciando que a escuridão veio para ficar ao menos por algumas nove ou onze horas, vou correndo para o meu quarto e me sirvo alguma bebida, algum vinho, whisky, ou às vezes apenas refrigerante ou água. Passo a noite toda bebendo no escuro. Nem precisa ser bebida alcoólica, me embebedo com a escuridão, com trevas. Até prefiro beber água com escuridão, é como beber a escuridão pura, líquida, fria.

Toda noite sirvo um copo cheio de qualquer coisa, apago as luzes e bebo tudo. Às vezes bebo direto da garrafa ou sirvo vários copos e vou bebendo-os lentamente, apreciando o sabor da escuridão. Outras vezes bebo tudo de forma desesperada, como um louco, bebo até que toda a escuridão desapareça e o dia volte. Como se eu tivesse bebido toda a escuridão do mundo, revelando a luz outra vez, guardando as sombras em mim. Adquiri esse hábito peculiar há mais ou menos um ano. Já tentei parar, pois não me parece uma coisa muito saudável de se fazer. O que no início parecia me deixar deprimido agora me deixa indiferente a tudo no mundo, não consigo mais me importar com ninguém ou com nada nem sentir mais nada além do prazer viciante de beber escuridão e de praticar atos vis, pois beber escuridão vem me tornado cada vez mais cruel.

Depois de seis meses bebendo trevas, matei um homem inocente sem motivo algum, apenas por matar. Não vou revelar detalhes do assassinato, mas tudo o que posso contar é que amei fazer aquilo e qualquer parte de mim, que contivesse qualquer pingão de bondade ou respeito pelo próximo quer que eu me arrependa de tal ato, mas simplesmente não consigo me arrepender. Só consigo ter mais vontade de beber trevas e de matar. Aquele homem foi só a minha primeira vítima, matei depois mais cinco pessoas, uma delas era uma criança! Matei uma criança e sei que foi por causa da escuridão que bebi. Sei que devo parar de beber assim antes que mate mais inocentes... ou pior ainda: antes que eu seja pego em flagrante

durante algum crime... Sou egoísta, claro que me coloco como prioridade, pois afinal, vamos ser sinceros: eu consigo beber sombras, vai dizer que isso não é incrível? Responda-me com um “não” e estarás morto, meu caro! Eu sei que sou incrível, um assassino incrível. Sou único, pois saboreei a escuridão e o gosto é esplêndido! Melhor do que sangue – sim, já bebi sangue, mas não é nada se comparado ao gosto de escuridão pura, diluída apenas em água, isso é o céu líquido!

Por que raios tentei parar mesmo? Eu devia estar louco, tive um gosto do céu e quis jogá-lo fora por que não estava sendo ético, é isso mesmo? De jeito nenhum, estava louco, só podia estar! Vou continuar a beber escuridão até que isso me mate ou até que eu mate todos no planeta e vire a própria escuridão, engolindo suas almas – pois sei que é por isso que beber trevas me faz querer matar, quando estou cheio de escuridão, preciso caçar, engolir almas, provar que sou superior a todos e posso matá-los quando quiser. A escuridão me faz ter sede de poder, e matar me dá poder, por isso que preciso continuar a matar. Uma alma sombria tem sede de sangue. E minha próxima vítima já foi escolhida: meu vizinho, que tem julgado meus hábitos noturnos, porque fico acordado a noite toda a beber escuridão (e matar também, mas disso ele não sabe!). Essas opiniões cruéis dele a meu respeito podem chamar atenção para mim e não quero isso.

Horas depois:

Estou morrendo... fui na casa do meu vizinho, na intenção de matá-lo, e a visão mais estranha do mundo desenhou-se perante meus olhos. Será que foi real ou estou louco de vez? Não, não pode ser, não estou louco, foi real. Se eu bebo escuridão, por que ele não poderia beber luz? Entrei na casa dele – a porta da frente estava aberta, como se ele estivesse esperando por alguém – e lá estava ele, sozinho em sua sala. O cômodo era tomado de muitas luzes fortes vindo de todas as direções, mas nada brilhava tanto quanto a luz mais próxima dele. Ele estava sentado em uma poltrona, segurando uma taça cheia de luz líquida, branca. Quando ele bebeu daquela taça, sua boca e sua garganta pareciam reluzir como o sol e seus olhos pareciam estar em chamas. Quando ele olhou para mim, era como se a luz em sua alma queimasse a escuridão em mim e senti como se estivesse derretendo, enfraquecendo, como ocorre com a escuridão da noite quando o sol nasce. Sou o céu noturno, e a noite está acabando.

Mas o sol dormirá novamente esta noite e eu nascerei outra vez, para beber trevas e almas infinitamente.

Minibiografia: Amanda Leonardi, nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Formada em Letras na UFRGS, tradutora e escritora de contos de terror e poemas. É colaboradora dos sites Literatortura, para o qual escreve artigos sobre literatura e cinema, e Indique um livro, para o qual escreve resenhas literárias. Participou das antologias *As Quatro Estações*, da editora Multifoco e *Horas Sombrias*, da editora Andross. **Contato com a autora:** amandalo1@hotmail.com.

Sonhos Corrompidos – Por Juliano Barbosa

A noite do dia 25 de março de 2001 era, para muitos, apenas mais uma noite chuvosa. Mas, para aqueles que estavam escutando a cantora Ana Braga, o mundo poderia estar se acabando que nem notariam o clima, principalmente porque estavam assistindo seu show no hotel mais caro da cidade de São Paulo.

Eram 22h quando ela terminou sua apresentação e foi deslumbrante observar como a sua voz impressionava tanto quanto seu corpo todos que estavam ali presentes.

Depois de longos agradecimentos aos aplausos ela veio se sentar à minha mesa. Conheci Ana em um ônibus logo quando cheguei a São Paulo, nos tornamos amigos e, mais tarde, amantes, mas a vida me levou por caminhos diferentes à do show business.

Anos depois me casei com Laís Fernandes e tive os 10 melhores anos de minha vida, até que um acidente de carro levou minha amada esposa.

Depois de um ano inconsolável, descobri um novo motivo para minha vida no meu trabalho. Em dois anos me tornei o maior negociador e comprador de antiguidades da região, já tive em minhas mãos armas pertencentes à Gengis Khan, estatuetas da antiga Grécia e moedas cunhadas no período das grandes navegações.

Mas nada me impressionou mais que um livro que comprei de um colecionador. Era chamado Airequecê Ao, um livro escrito por um padre que reunia histórias e encantamentos considerados malditos pelos Tupis-guaranis e outros povos da floresta. Segundo o relato do padre, ele reunia histórias sobre antigas civilizações e estranhas criaturas que habitaram a terra antes da aurora da humanidade.

Bem, o que aconteceu é que fui convidado pelo reitor Allan para jantar no hotel Sétimo Céu com alguns colegas de faculdade que há muito tempo não via. Já que Ana estaria apresentando seu show naquela noite, eu não poderia perder a oportunidade de rever minha velha “amiga”.

E o hotel Sétimo Céu era digno do nome, apenas os mais ricos e sofisticados homens se hospedavam ou jantavam no seu imenso restaurante. E era lá que encontrei o reitor Allan. Um pesquisador sábio com aproximadamente 65 anos, de aparência atarracada e com fartos cabelos brancos.

No jantar eu comi pouco, pois enquanto Ana cantava eu me esqueci de tudo. Mesmo depois de 12 anos sem vê-la, ela continuava maravilhosa. Não possuía mais aquele corpo de adolescente, e a sua maturidade, profissionalismo e despojamento me fizeram desejá-la novamente.

Ana conhecia o reitor Allan, mas se espantou quando me viu. Fiquei aliviado, pois logo ela estava me abraçando e dizendo que estava com saudades de mim.

O jantar logo após a chegada de Ana se animou. Além de mim estavam na mesa o professor Arthur Duarte e sua esposa Margareth, uma médica legista muito conceituada.

Não me lembro em que momento o rumo do jantar se direcionou para as antigas lendas do passado. Uma discussão teórica se iniciou entre o professor Arthur, o reitor Allan e eu, que mesmo não sendo formado na área, entendia um pouco do assunto. Ana e Margareth se mostraram espectadoras atentas.

No fim da noite decidi convidar a todos para continuar nossa interessante conversa em minha casa. Apenas o professor Allan não aceitou, dizendo que tinha assuntos imediatos a resolver.

Minha casa se localizava na parte alta da Rua Elmo Barbosa. Era um pouco afastada e deserta, como eu gostava. Fazia muito tempo que não recebia visitas, mas, tive a sorte de encontrar uma empresa que sempre mantivera a casa e os móveis impecáveis. Às vezes eu até me esquecia

Em minha casa nossa conversa foi aquecida pela minha lareira e pelos vinhos que vinha guardando em minha adega para alguma ocasião especial que nunca viera.

Eu gostei muito do professor Arthur, pois ele era um homem muito bem informado e ao mesmo tempo não era fanático pela ciência. E junto com Ana acabamos relembando os bons momentos e experiências que passamos juntos.

Já era bem tarde quando o professor Arthur quis se retirar, mas por causa da distância e da quantidade de vinho que todos beberam, eu os convidei a passar a noite em minha casa. Todos aceitaram de bom grado.

Mesmo tonto pela bebida a curiosidade do professor Arthur não deixava de trabalhar, e num segundo de puro controle pediu para ver o livro maldito que estava guardado no cofre de minha casa.

Como eu já estava por demais alcoolizado para pensar, me levantei e fui até a biblioteca que ficava no andar superior de minha casa. Abri o cofre e o trouxe até meus companheiros.

Os olhos do professor brilhavam de prazer por poder pegar peça tão valiosa historicamente, e, como estudioso de culturas humanas antigas, ele desejava conhecer mais sobre antigas culturas e seus deuses desconhecidos.

Lentamente ele manuseou o tomo maldito e com satisfação leu alguns trechos que sabia, hora em francês, hora em latim. Sua esposa não quis tocar no livro, mas Ana ficou impressionada e não resistiu.

Quando ela tocou no livro um espasmo de espanto e surpresa a atingiu. Ela largou o livro sobre a mesa e desacordou produzindo um baque surdo ao atingir o chão. Ela ficou assim por dois minutos, mas quando voltou à si achamos que foi apenas excesso de álcool, mas o que ela nos contou era no mínimo aterrador.

Ao tocar no livro ela vivenciou a mesma imagem que teve quando sofreu um acidente de carro, onde seus pais morreram e apenas ela sobrevivera. Havia acontecido quando ela tinha dezessete anos, quando seu pai capotou o carro ela bateu a cabeça e entrou em coma. Nesse estado ela se sentiu como se estivesse num lugar totalmente sem luz, onde se podia ouvir as lamurias de pessoas conhecidas e desconhecidas. Era como estar se aproximando de algo que não podia ser compreendido.

Ela teve a mesma sensação nos dois minutos que estivera desmaiada, mas, para ela havia algo mais lá, algo do lado dela, algo indefinível.

Não liguei muito para o assunto no início, pois acreditei se tratar apenas de uma lembrança ruim do que aconteceu com ela, muita bebida talvez.

Todos estavam cansados, então lhes mostrei os quartos. Ana ficou dormindo no quarto ao lado do meu e o casal Duarte ficou com o quarto no fim do corredor, localizado no andar superior.

Apenas lembro-me de levantar, lavar o rosto e descer para o café. A diarista estava cantando na cozinha como todos os dias fazia. Meus amigos já estavam na sala me esperando para o café. Disse bom dia a todos e foi nesse momento que notei que estava sonhando.

Das janelas que davam para a rua existia uma dualidade entre a luz do dia que entrava pela janela da esquerda e da noite na janela da direita. Assustei-me e notei que meus convidados também notaram o estranho fenômeno.

Ao entrarmos, a porta da cozinha se fechou rapidamente e uma vontade irresistível nos fez sentar ao redor da mesa. O café estava posto, mas ao lugar de frutas frescas, o que havia em cima da mesa eram frutos enegrecidos, apodrecidos pela ação do tempo, e um cheiro nauseabundo provinha delas. Era um cheiro que lembrava sangue. Lembrava morte.

Ouvi minha empregada que vinha em nossa direção trazendo uma grande bandeja. Ela parou em frente da mesa e com aquele olhar amoroso e materno nos disse para comer tudo.

O que vi quando ela abriu a tampa vai me acompanhar por toda a vida. Era a imagem mais hedionda, retirada de meus piores pesadelos. Era a cabeça de minha esposa, enegrecida pelo tempo, mas ainda assim reconhecível.

E quando levantei os olhos, pude notar no canto da sala, observando a minha reação, uma criatura com 1,50 de altura. Ela estava encostada na parede e apesar de parecer uma criança deformada, possuía por todo o corpo pelos grossos e enrolados parecidos com lã de carneiro espalhados por todo o corpo. Mas sua cor quase não lembrava o branco, era mais para um misto de barro e sangue seco. E enquanto eu tentava entender aquela aparição, a criatura me olhava diretamente com aqueles pequenos olhos negros brilhantes e ficava lambendo e limpando as longas e afiadas garras na pelagem.

Cada vez que ela lambia as garras, um espasmo de nítido prazer acontecia e ele batia as patas caprinas no chão, produzindo um som como Tec, tec! Tec, tec!

Virei o rosto nauseado e acordei assustado, todo suado, respirando como se tivesse corrido quilômetros sem parar. Estava sóbrio, mas muito cansado. Foi uma luta me levantar e ir ao banheiro, minhas costas pesavam uma tonelada e por momentos pensei que iria desmaiar.

Quando descii a escada imaginei o estranho evento noturno que tive. Não existe nada pior que dormir mal, e ainda por cima dormir mal por causa de um pesadelo, daqueles que você acha que acordou, mas, continua dormindo.

Meus convidados estavam lá embaixo me esperando. Envergonhado, eu notei que também eles tiveram uma noite terrível.

No café da manhã tomamos apenas café puro. Ninguém estava com vontade de comer, e as frutas oferecidas por minha diarista foram logo repudiadas.

Todos haviam tido o mesmo sonho que tive, apenas com algumas diferenças. Todos nós achamos muito estranho que tenhamos presenciado o mesmo pesadelo. Margareth estava quase entrando em estado de choque. Ana a levou para tomar um calmante na cozinha, enquanto eu e o professor Arthur estávamos sendo carcomidos pela curiosidade.

Como que instintivamente buscamos respostas estranhas para nossas dúvidas, recorremos para as páginas do Airequecê Ao e talvez lá, no tomo maldito dos mortos, existisse uma explicação para o que ocorreu.

Procuramos a fundo nas páginas do livro maldito, enquanto Margareth e Ana tentavam descansar, sem dormir.

Depois de duas horas de procura sobre tudo que pudesse estar relacionado com sonhos ou pesadelos, fomos encontrar uma referência que nos deixou desconcertados.

Na página 58, encontramos referências do que seriam as coisas que Ana sonhara. Um desenho tosco, enegrecido pelo tempo, mostrava o que parecia ser um monstro com longas e afiadas garras, recoberto com uma pelagem semelhante a um carneiro.

O livro maldito Airequecê Ao chamava aquilo de Devorador de Sonhos e, segundo ele, era uma criatura que vagava por dimensões adjacentes à nossa, só esperando que alguém os atraísse com emoções muito fortes.

Ele normalmente aparecia perto de alguma sombra e gostava de atacar as pessoas que estavam próximas de lugares escuros tais como uma floresta, um quarto ou mesmo um armário entreaberto.

Um de seus nomes é derivado do som que faz com seus cascos quando se prepara para perseguir suas vítimas e ele é descrito como um canibal devorador de gente que gosta de perseguir os infelizes humanos por qualquer distância e em qualquer território, não parando até conseguir sua refeição.

No fim daquela inscrição bizarra, estava descrito como poderíamos nos livrar dos devoradores. Era necessário reunir os “infectados” e recitar um cântico em volta de uma velha Jurema, árvore da família das Acácias considerada sagrada pelos pajés. No entanto o texto do cântico estava escrito numa linguagem ainda mais obscura.

Para nosso completo desespero, pois segundo o livro só nos restavam alguns dias ou horas de vida, nem os meus conhecimentos ou os conhecimentos do professor seriam capazes de desvendar o estranho código, pois eram pictogramas estranhos, que não pareciam ter relação com nada conhecido. O que poderíamos fazer?

Então, como que vindo de parte alguma, uma ideia brotou por entre minha mente. O reitor Allan já podia ter visto o maldito livro e quem sabe até mesmo soubesse o significado daquela linguagem pictórica. Era uma possibilidade.

Rapidamente Arthur e eu acordamos Ana e Margareth, pegamos meu carro, e nos dirigimos até a casa do reitor que ficava do outro lado da cidade. A casa ficava longe de minha casa, num bairro próximo do parque do Ipiranga, era uma grande propriedade com um casarão de tempos de outrora com belos desenhos arquitetônicos e grande riqueza de detalhes.

Um homem alto, trajando um terno preto impecável nos atendeu. Ele era Jeremias, o advogado do reitor, que muito educadamente nos levou até a sala de visitas onde Allan nos esperava. Ele trajava um terno branco que realçava ainda mais seus cabelos.

Nem bem sentamos, eu e o professor Arthur desabamos a contar os acontecimentos da noite anterior. Nem nos passou pela cabeça que o reitor poderia nos expulsar dali nos chamando simplesmente de loucos.

Nada disso ocorreu. Ele escutou com uma atenção cada palavra, e, logo que terminei o reitor Allan, admitindo sua velhice e doença, nos explicou que há muito tempo havia lido sobre essa lenda em um livro tão tenebroso quanto o Airequecê Ao intitulado Ang-Mbai Aiba.

Nesse livro ele disse que leu uma tradução do cântico e sabia como escolher a árvore correta. Isso devia ser levado muito em conta porque se as vítimas da criatura tentam escapar, por exemplo, subindo em uma árvore errada, o devorador circundará a mesma, uivando incessantemente e cavando as raízes até a árvore cair.

Agora se o cântico fosse entoado da maneira correta e na árvore certa, as vítimas poderiam ficar lá em cima e aguardar. Assim, em algum momento no nascer do sol, a criatura desistiria e sairia em busca de outra refeição.

Ele tentou nos acalmar e disse que o ritual do livro poderia nos salvar. Então rapidamente ele nos levou para o quintal de sua casa e escolheu uma árvore frondosa que batia com a descrição do ritual e disse que, após ele dizer as palavras certas, teríamos de aguardar em cima da árvore até o amanhecer.

Eu e Ana subimos e foi então que aconteceu. Uma figura atarracada e escura, muito parecido com a minha visão saltou das sombras próximas e numa velocidade estonteante atacou Arthur e Margareth atirando ambos ao chão. Em poucos segundos o sangue escorria em profusão enquanto a criatura os arrastava para um matagal próximo.

O professor e o advogado correram para dentro da casa em busca de segurança e no caminho eu pude escutar uma série de estranhas palavras provavelmente relacionadas ao ritual. O pouco que eu pude entender soava como “Apuê Abaçái Abaité Akitãí Apuê”. A tradução aproximadamente seria “Vai embora criatura repulsiva e baixa que espreita. Vai embora!”

Com um pouco de esforço eu e Ana conseguimos nos prender no segundo galho um pouco acima do solo e ficamos quinze minutos esperando sozinhos naquele quintal escuro. Foi então que eu comecei a escutar de novo o barulho daquelas malditas patas batendo no chão.

Tec, tec. fazia o som enquanto aquela estranha criatura rondava as proximidades. Tec, tec ecoava seco nas sombras enquanto ela se aproximava.

Tec, tec fez mais uma vez quando ele parou embaixo da árvore e olhou pra cima com aqueles olhos vidrados e escuros.

Lá em cima Ana rezava. Pedia para não escutar mais aquele monótono Tec, tec. Eu pedia para todos os deuses e lendas para que o ritual tivesse dado certo para quem sabe, eu pudesse voltar para a minha ilusão de normalidade.

De repente notei que o Tec, tec foi diminuindo e com um arroubo de felicidade olhei para baixo. A criatura olhava pra mim e abaixava a cabeça como se pensasse.

No instante seguinte ele começou a trotar em volta da árvore e começou a uivar incessantemente. Nesse momento, começou a cavar e a expor as raízes da árvore que ameaçava pender e cair. E eu, desconsolado, só podia me agarrar e enquanto escutava aquele som assustador que representava a nossa morte.

Tec, tec.

Tec, tec.

Tec.

...

Minibiografia: Juliano Alves nasceu em 1977 no Paraná e atualmente mora em São Paulo. É escritor, poeta, professor e consultor nas áreas de tecnologia e jogos de computador. Com seus textos duvidosos, já participou de diversas coletâneas nacionais e internacionais apenas visando refletir sobre o estranho mundo que vive dentro de cada um de nós. Site: www.criadordemundos.com.br. **Contato com o autor:** julianoalves13@gmail.com.

A Oferta – Por Miriam Santiago

Estamos no ano de 2020, olho da janela da área de serviço do meu apartamento e vejo que a violência está em todos os cantos, em toda parte e as pessoas estão cada vez mais sem alma e sem coração. Já não se pode mais andar sossegado nas ruas porque o terror está em toda parte. Está difícil combater o crime neste Estado de São Paulo e aqui na Baixada Santista, nem se fala! Tudo por culpa das autoridades, que não mudaram as leis e a desordem foi tomando espaço e a cada dia as cidades tornaram-se piores. Sem o pulso forte da Polícia, que já não tinha estrutura em 2015, e nesses cinco anos, só piorou, a bandidagem corre solta e ficou cada vez mais complicado combatê-la.

Flávio estava desgostoso com sua profissão, e por duas vezes quase se demitiu da Corporação, mas a decisão foi adiada por insistência de amigos, que sabiam o profissional que sempre fora.

Ele gostava de acompanhar diariamente no jornal local notícias sobre a página Policial e foi numa daquelas matérias, sem importância para muita gente, que Flávio achou algo diferente em uma das notícias:

A enfermeira Vânia S. S. Cruz, 30, saiu do turno do hospital onde trabalhava por dez anos e pegou um ônibus para a área continental de São Vicente, para o bairro Rio Negro. Ao saltar do ônibus, a mulher caminhava em direção a sua casa. A rua estava deserta e Vânia morava no final, ao lado de um enorme terreno baldio. Ao passar, a mulher ouviu uma voz de dentro do mato. Ela apressou os passos, mas não adiantou, pois sentiu um braço forte puxá-la. Vânia relata que gritou por socorro e o homem logo apertou sua boca, abafando sua fala.

A moça disse que foi arrastada e jogada ao chão. O homem era alto e estava com um gorro e camisa de mangas compridas. Pelo nervosismo da situação e escuridão Vânia não conseguiu definir a cor da pele e mais detalhes sobre o maníaco.

De repente, segundo a mulher, quando o doente tentava arrancar suas calças, ela viu um braço agarrá-lo ferozmente e também quando o criminoso foi atirado para bem longe. A força de “seu salvador”, como assim foi relatado, era descomunal. Ela disse que o homem se pôs em cima do criminoso, mas pela escuridão e nervosismo, desmaiou. Acordou com o coração na mão, levantou-se apressada e com medo, correu para sua casa, chamando a polícia. Na delegacia, a enfermeira relatou os fatos ao delegado.

Depois de dois dias, Flávio leu outra matéria parecida com a da enfermeira, só que ocorrida em Guarujá.

O policial estava cada vez mais aguçado por esses fatos e mantinha os endereços grifados no mapa da Baixada Santista, e descobriu que as vítimas não tinham nenhuma relação entre si; isso o deixou intrigado. O tal homem agia sozinho e as mulheres não conseguiram ver o seu rosto. As notícias sobre esse homem cresceram em pouco tempo, assim como a sua fama e ele ficou conhecido como “o vigilante”. Um detalhe muito importante e que intrigou ainda mais o policial Flávio foi que os corpos dos criminosos desapareceram, aguçando esse grande mistério.

Noite de folga para Flávio e ele resolveu se divertir em uma casa noturna no Centro de Santos. O policial não bebia, mesmo quando estava de folga. Ao sair, lá pelas 3 horas da manhã, viu quando uma bela moça fora forçada a entrar em um carro. Ele resolveu segui-los, pois imaginava que a jovem estava em perigo.

Sem se deixar perceber, Flávio foi atrás do automóvel, que do Centro de Santos, partiu em direção a Praia Grande, indo pela estrada. Flávio ligou para a central da polícia, pois tentavam desvendar outra investigação, o paradeiro de garotas desaparecidas para uma rede de prostituição e aquela poderia ser mais uma vítima.

Depois de alguns minutos, o automóvel entrou em uma viela indo até o final. Ao sair do carro, a moça começou a se debater e a gritar pedindo ajuda, levando um soco e desmaiando. O homem a colocou nos ombros e a carregou. O policial desceu do carro e se escondeu, pois aguardava reforço.

Dentro do imóvel, a moça gritou mais uma vez, e foi calada novamente. Nisso, Flávio ouviu novamente gritos, mas não eram da jovem. Nisso, escutou vidros se quebrando e objetos atirados pela janela. O policial rapidamente chegou perto da janela para ver o que se passava. Ele viu a moça ao chão desmaiada, mas não o raptor. Flávio acabou entrando na casa, mesmo sozinho. Caminhou até a jovem, que nada sofrera além dos bofetões. Mais adiante, seguiu um caminho de sangue que começava na cozinha e terminava no quarto. Ao entrar, Flávio viu o criminoso no chão, coberto por um homem muito grande e forte que segurava a cabeça do homem raptor, para que sua boca pudesse desfrutar do pescoço sem problemas. “Aquilo” virou-se para o policial com o rosto vermelho de sangue e expressão de satisfação.

Com o susto, Flávio teve que se apoiar na parede, pois tremia por inteiro. O pânico o dominou, fazendo-o abandonar a cena do crime e correr para fora do imóvel para vomitar.

Uma força além do normal fez Flávio voltar até a janela e ele pode acompanhar que a criatura calmamente ainda permanecia grudada ao pescoço do suposto criminoso. Ao terminar de satisfazer-se, o monstro pulou pela janela quebrada e desapareceu na escuridão.

Flávio entrou na casa novamente e foi até a moça, que estava sentada sem entender onde estava.

— Calma, não grite, — disse Flávio à moça, — eu sou policial e estou aqui para ajudá-la.

— Eu nem sei onde estou só me lembro daquele homem me colocar à força em seu carro e no caminho, me ameaçou, depois de me bater, eu não me lembro de mais nada, falou a jovem, que tinha o rosto pálido do pânico e susto que sofrera e as bochechas roxas dos socos.

Flávio acalmou a jovem, Cláudia era o seu nome e pegou um pano e gelo para melhorar a dor do rosto. Os dois conversaram até mais policiais chegarem.

— Onde está o meu agressor? Você o algemou lá no quarto? — Perguntou a moça, sem nada saber o que tinha acontecido há poucos minutos.

O policial Flávio não contou o que havia acontecido com o raptor e disse-lhe apenas que estava morto. Enquanto conversavam, uma viatura da polícia chegou. Flávio contou aos colegas que quando entrou na casa o criminoso já estava morto, mas que não tinha visto quem foi. E assim Flávio deixou o local com Cláudia, pois iria levá-la para casa e os outros policiais aguardariam o perito para averiguar a cena do crime.

Por dois dias Flávio estava sem saber o que fazer e seu relatório fora motivo de explicações.

...

O policial voltava para casa de ônibus quando um rapaz baixo e franzino sentou-se ao seu lado. Era amável e foi logo puxando conversa.

— Eu estou há dias acompanhando o seu comportamento. Deveríamos ir para algum lugar conversar, disse o desconhecido.

O policial nada falou, apenas o fitou nos olhos.

— Você não me reconhece, não é? — Insistiu o jovem. Sei que estou muito diferente, mas esta é a única maneira que posso andar por aí, falou o estranho.

Flávio engoliu em seco e quando ia perguntar, o rapaz acrescentou, — sou sim o tal “vigilante”, disse ele baixinho.

Os dois desceram e foram caminhando e conversando. Flávio estava atordoado e sem saber o que fazer.

— Não se preocupe que nada farei a você. Eu trabalho sozinho e faço o que a polícia não pode fazer. Eu escuto os gritos dos indefesos, não me pergunte como, e vou até eles, após o pedido de ajuda. Você é uma pessoa diferente Flávio e um bom policial. Tenho uma oferta e se aceitá-la poderá ter poder e ficar imortal como eu. Tenho vivido por muito tempo e agido dessa forma sem ser visto por ninguém, pois as vítimas não conseguem se lembrar do que viram e também não querem acreditar.

— Mas como pode ser? — Questionou Flávio boquiaberto.

— Eu preciso me alimentar, e essa é a melhor maneira, já que eram todos criminosos, disse o homem. Não posso explicar o meu passado a você, mas quero oferecer-lhe um futuro diferente, em que você fará justiça! — Explicou o estranho. Pense na minha oferta. E ele tomou seu rumo e desapareceu pelas ruas.

O policial ficou sem saber o que fazer, pois para ele, que clamava sempre pela mudança das leis em combate ao crime, se sentiu tentado.

Depois de uma semana Flávio estava saindo à noite da delegacia quando foi surpreendido pelo mesmo homem, que o aguardava próximo ao local.

— Você já tem uma resposta? — Questionou-lhe.

— Sim, não posso aceitá-la, respondeu Flávio. Mas sei que não poderei impedi-lo e também não quero, falou decidido. O que será de mim então? — questionou.

— Nada, respondeu o rapaz. Sei de seus escrúpulos e por isso, gostei de você. Porém, darei mais tempo que pense melhor, — finalizou. E mais uma vez, o homem caminhou lentamente até desaparecer das vistas do policial.

O poder que o fora ofertado era demais para ele, um homem criado numa família em que as Leis Divinas eram ordem e Flávio sabia que se aceitasse a oferta, tornar-se-ia “aquilo”.

Momentaneamente, Flávio sabia que a justiça estava mais próxima, pois o vigilante fazia o que a polícia não conseguia ou não podia fazer.

E um estalo fez Flávio questionar-se sobre o que estaria em suas mãos.

Minibiografia: Miriam Santiago dos Santos é jornalista e formada também em Letras. Publicou nos livros: “Livro Negro dos Vampiros”; “A Mulher Japonesa Imigrante”; “Histórias de uma Noite de Natal”; “No Mundo dos Cavaleiros e Dragões”; “Sobrenatural”; “Metamorfose II: Os Filhos de Licaão”; “Momento do Autor VIII”, pela Prefeitura de Santos; “Nevermore – contos inspirados em Edgar Allan Poe” e “Mr. Hyde”. Participante ativa da extinta Revista TerrorZine. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>. **Contato com a autora:** miriammorganuns@hotmail.com.

O Sacrifício – Por Dione Souto Rosa

Uma festa de casamento aconteceria no salão principal de um clube na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Estou entre os convidados, porém atrasada para a noturna festa. Quando chego vejo uma grande comoção na entrada. Muita gritaria e tumulto. Gente correndo pela calçada. Entro no saguão, subo o primeiro lance de escadas e minha cara é de espanto. Não entendo o que está havendo. As pessoas continuam correndo de um lado a outro.

O local tem dois andares. Subo o primeiro deles e vejo crianças segurando taças com os olhos esbugalhados. Paro para ver o que elas contêm. É sangue. Elas descem as escadas correndo. Avanço pelo mesmo andar e vejo pessoas com a garganta dilacerada e corpos estraçalhados. O carpete está ensanguentado. Sigo em direção ao fim do imenso andar e encontro um estranho menino parado no meio do corredor. Ele está petrificado. É Diogo, um garoto de dez anos. Paro na frente dele, mas ele não se move. Sabe o que houve, mas não pode falar, pois está em choque. A sua mãozinha pequena e frágil segura forte a minha. Escuto-o em minha mente:

“Fica comigo, por favor, ele vai me matar”.

Diante do pedido dele, resolvi ficar ao seu lado, mas antes que virasse no corredor, uma estranha figura surge às minhas costas do outro lado do ambiente. Um homem de terno e gravata e de boa aparência. Parecia um convidado, ou padrinho no casamento. Ele avançou rapidamente com uma taça contendo um líquido vermelho, igual àquela que as crianças tinham nas mãos, e veio em nossa direção. O olhar do sinistro homem foi apavorante. O pobre menino tremeu de medo e se agarrou a mim. Eu fiquei instigada. O olhar dele pareceu-nos fulminar e ficamos inertes até a sua aproximação.

Diogo teve o impulso de correr, mas eu sequer me mexi no lugar. Ele parou na minha frente e olhou nos meus olhos e senti sua voz em minha mente:

Preciso de você. Esse sangue é o meu sangue, por favor, purifique-o.

Ele parecia querer hipnotizar-me. Nesse momento, dois homens vieram em nossa direção, pedindo para descermos, por causa do que estava acontecendo no local, mas ele se irritou, e não quis fazer o que os homens mandaram. Segurei na mão de Diogo e pensei em fugir, mas o menino não queria ir. Ele começou a emitir um som alto, parecendo um rosnado. As suas mãos e rosto começaram a apresentar pelos. A sua roupa se rasgou. Os homens pularam nele com facas e punhais, cravando estocadas em várias partes do seu corpo. Por fim, ele rosnava e com as enormes garras que apareceram, enfiou na cara dos homens, matando-os.

Enquanto ele os matava, conseguimos finalmente correr, mas antes de virar o corredor para pegar as escadas olhamos para trás novamente. Vimos algo dantesco e bizarro: a sua transformação estava completa e era um lobisomem com expressão enlouquecida de fúria. Quem passava por ele, ele atirava na parede e o estouro do corpo e dos ossos na parede foi algo que jamais esqueci.

Descemos as escadas desatinadamente.

Achei que tivesse enlouquecido, tentei me certificar de que não era um pesadelo. Porém, antes que chegasse ao fim da escadaria, o monstro pulou em nossa frente. O menino passou por baixo de suas pernas e conseguimos escapar, porque outras pessoas cruzaram conosco, e ele gritou naquela escadaria deixando todos enlouquecidos. O lobisomem continuou correndo dentro do saguão e impediu que as pessoas saíssem. Ele não nos viu naquele monte de gente. Entramos atrás de cortinas e encontramos um estreito corredor para nos esconder, porém não sabia onde daria.

Diogo estava muito assustado e para piorar, houve um black-out. Nada ou quase nada se podia ver naquela escuridão, exceto uma luz no fim daquele corredor. Corremos para lá.

Repetia baixinho para ele:

– Fique calmo, meu querido, estou aqui, ele não vai pegar você. – Abracei-o fortemente, tentando fazer com que não chorasse e se acalmasse, enquanto ouvi lobos uivando, dentes rangendo, vozes de lamento e dor que vinham da entrada.

Ao chegarmos no fim do corredor, o garoto pareceu se acalmar, embora estivéssemos ofegantes e assustados. Entramos numa misteriosa sala de espelhos, os quais davam os contornos mais estranhos e tortos possíveis. Se não estivéssemos numa situação daquelas, era para se brincar naquele local. O fato de estar quase que totalmente escuro, nos deixou em pânico. Diogo apertava minha mão tão forte que eu suava, mas não queria soltá-lo. Temia que aquela coisa aparecesse a qualquer momento. Logo me vi no espelho e a Diogo, mas depois passei a ter alucinações. Vi uma estranha máscara sobre meu rosto parecendo uma metamorfose de mim mesma, ou talvez revelando quem eu sempre fora. Quem seria? Depois tudo silenciou. Não escutei mais uivos, nem qualquer outro som. Diogo largou minha mão e colocou suas mãos sobre o rosto, se abaixou e ficou chorando próximo ao chão.

Fiquei olhando fixamente para as imagens e formas que foram aparecendo nos espelhos. Tinha cabelos vermelhos e usava uma máscara animal. Parecia uma máscara que sempre usara em algum lugar do passado. Olhei nos outros espelhos para ver se a imagem se reproduzia e, para minha surpresa, sim. Assim que voltei para o espelho principal, senti um hálito quente em minha nuca. Fiquei em pânico. O lobisomem estava atrás de mim. Ele me agarrou pelos cabelos. Eu estava gelada e imóvel em oposição ao seu abraço que estava fervendo. Diogo, nesse momento, ao ver o lobisomem, desmaiou de medo.

— O que quer de nós? — disse tremendo.

— O menino é parte de mim, a parte boa da minh'alma, a que está livre da maldição. Através dele, posso me livrar desse mal...

— Deixe o menino, suplico.

— Se vier comigo, deixarei que ele vá...

— Por que quer me levar? Não há nada que eu possa fazer por você.

— Sei que é uma sacerdotisa com poderes de me livrar dessa maldição. Você ou o menino, cujo sangue me libertará. Se ficar comigo, libertarei o garoto.

Fiquei imóvel por instantes e sabia que não tinha saída.

— Não sei se posso confiar em você.

— Não tem escolha... Ou tem? — E puxou meus cabelos para trás novamente. — Se me irritar, mato os dois, agora.

— Não, por favor, não, pedi chorando. Solte-o e irei com você — estava no limite da exasperação.

— Libertado-o, Diogo, e não voltará a me ver — ele proferiu.

Diogo saiu do estado de desmaio e ficou me olhando para ver o que eu fazia, mas eu mandei que corresse. E ele correu o mais rápido que pôde. Agora era eu e o monstro. Temi pelo pior e achei que ele ia estraçalhar as minhas costas, abaixei a cabeça e rezei para não sentir dor, mas ele não fez nada, além de aproximar-se mais de mim, colando seu corpo junto ao meu. Senti-o tão quente que parecia ferver e aquilo me fez virar para encará-lo. Ao olhar para ele, surpreendentemente era o mesmo homem que havia visto no corredor, antes de visualizar o lobisomem.

— Você... é...

— Sim. Sou o lobisomem que viu a pouco.

— O que viu que desistiu do menino?

— Vi a imagem da mulher-lobo no espelho.

— Todavia aquilo era uma alucinação, não era?

— Não. Você é parte da deusa-lobo, Morrigan, a deusa celta. Pode me curar.

— Não saberia como curá-lo. Se sou quem diz que sou, não sei por onde começar.

— Descobriremos juntos — ele segurou minha mão carinhosamente e seu olhar foi cativante. — Enquanto isso não acontece a sua pele fria pode aplacar o calor da minha pele que ferve enquanto me metamorfoseio na besta. Era você que procurava na festa o tempo todo. Não queria machucar ninguém, eu sinto muito.

Ele me abraçou forte e me beijou. Um minuto, a luz voltou e desaparecemos pelas tênues arestas dos espelhos.

Diogo logo encontrou os pais na entrada:

— Está tudo bem com você?

— Sim, papai agora está. Ele se foi...

O pai balançou a cabeça e resmungou:

– De novo com essas histórias...

– Não, pai, era um lobisomem, você precisava ver o tamanho dele.

– Não, meu filho, foi apenas um casamento. Ninguém se machucou ou se feriu. Olhe como não há qualquer burburinho, ou sinal de violência! – e o menino olhou para todos os lados inconformado.

O pai pegou Diogo no colo e, antes que entrasse no carro, ele se lembrou do meu gesto e sacrifício, mas antes que chorasse, olhou para fora. Ao longe, viu dois lobos correndo juntos pelo matagal. Ele sabia quem eram e que a minha missão estava apenas começando...

Minibiografia: Dione Souto Rosa é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo, Mestranda em Teoria Literária pela UNIANDRADE e membro efetivo da Academia de Letras José de Alencar/PR. Publicações em poesia com indicação ao Codex de Ouro 2011 e diversos contos em coautoria. Prêmio no Primeiro Concurso Cranik com o conto Nuada, o lendário rei Tuatha Dé Danann. Livro solo: Luar de Sangue. E-book Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente. Convite para integrar a antologia Mr. Hyde – homem monstro. Blog: www.rosasesangue.blogspot.com. **Contato com a autora:** dirosa19@yahoo.com.br.

Naquele Quarto – Por Maurício Montenegro

E assim a noite desceu sobre mim! Vieram as trevas, instalaram-se e tornaram a fugir! E um dia novo apareceu! E em redor de mim amontoaram-se as sombras de uma segunda noite. E eu, sempre imóvel naquele quarto solitário, sempre sentado, sempre envolvido na minha meditação!

Edgar Allan Poe, *Berenice*

— Para mim você precisa de uma dose de uísque.

O homem soltou uma gargalhada roufenha que terminou em um acesso de tosse.

— Joel — gritou enquanto se recompunha — dê uma dose a ele por minha conta.

O barman deixou de lado o pano que caprichosamente parecia lustrar alguns copos e veio em nossa direção esfregando as mãos no avental. Um crucifixo de prata dançava em seu peito largo e era tão grande que fazia qualquer um imaginar que aquele homem “carregava A Cruz”. Acenei para ele parar quando completou metade da dose. Não costumo beber uísque, mas não podia perder a oportunidade de contar minha história a alguém que se propôs a escutar sem me chamar de louco.

— Amigo... É verdade. Olhe o meu estado. Não durmo direito há quase sete dias.

O homem da gargalhada roufenha tirou um lenço encardido e amassado do bolso interno do paletó. Esfregou os lábios com ele e o devolveu ao bolso. Quando a mão retornou, trazia um maço de cigarros e um isqueiro de aço escovado com o desenho de um tanque de guerra. O gesto foi tão natural que pareceu um passe de mágica. Retirou um cigarro do maço, acendeu e soltou uma baforada. A fumaça rodopiou e se juntou ao ambiente enquanto meus olhos enchem-se de lágrimas.

Um rapaz magro que acompanhava o diálogo com interesse no outro extremo do balcão se aproximou.

— Meu chapa, pelo jeito você teve uma bad trip. Você curte ácido? Posso conseguir a quantidade que quiser e da melhor... — ele se interrompeu quando percebeu meu olhar de reprovação e desprezo. Caiu em silêncio, abriu os braços enquanto se afastava e foi embora.

Minha opinião com relação a drogas é uma só: mantenha distância! Posso viver os anos 70 e achar que Woodstock foi o máximo, mas isso não significa que devo viver chapado.

— Preste atenção — gargalhada roufenha falava com o cigarro na boca — além do uísque, arranje uma mulher. Há quantos dias está na cidade sem ninguém?

— Dez dias — disse — mas não se trata disso. Tenho uma mulher esperando por mim na cidade de onde venho.

— Bem, como preferir. De qualquer forma, estou indo num lugar que tem muitas. Se quiser ir junto...

Ele se levantou, ajeitando o paletó puído, jogou o dinheiro no balcão e saiu sem olhar para trás.

Joel, o barman, se aproximou pegou o dinheiro e limpou metodicamente o balcão onde momentos antes se encontrava o copo de gargalhada roufenha, em seguida virou-se e voltou aos copos.

Passei os olhos pelo bar, a fumaça densa fundia-se com os rostos que ainda permaneciam por ali. Um casal estava de saída, a mulher adiantou-se indo ao banheiro enquanto o homem entregava a gorjeta ao garçom desajeitado que tentava equilibrar a bandeja enquanto apanhava o dinheiro. No canto direito do bar estava um senhor de meia idade que vestia um terno caro de linho e o cabelo penteado para trás estava carregado de brilhantina. Voltei meus olhos para o balcão e deparei-me com os ombros largos do barman.

— Você não se importa, Não é mesmo? – falei quase num sussurro.

— Como... Senhor? – disse o barman voltando-se lentamente.

— Ouviu minha conversa com aquele homem. Percebi que parou de fazer seu serviço e ficou ouvindo atentamente enquanto segurava seu crucifixo.

— Desculpe-me senhor, não tive a intenção de ser indiscreto.

— Não se desculpe. Eu queria apenas que alguém me ouvisse para ter certeza que não estou ficando louco.

Ele me olhou atentamente. Um negro alto e forte de olhar generoso.

— Senhor tudo o que vejo é uma expressão de cansaço no seu rosto. Talvez devesse mudar para uma pensão e tentar repousar um pouco.

— Não posso, usei todo o meu dinheiro. Paguei adiantado para ficar ali por dois meses. Preciso arrumar um emprego antes de pensar em mudar.

— Entendo – ele mostrava preocupação no olhar. – Sinto por não poder ajudá-lo.

Levantei e me dirigi para a porta passando pelo salão do bar com as mesas completamente vazias.

— A propósito – disse o barman atrás de mim, olhei por cima do ombro e vi que ele novamente segurava o crucifixo dessa vez em minha direção. – Ele se preocupa.

Levantei a gola do sobretudo e sai para a noite fria.

Devo dizer que prefiro a garoa incessante e o barulho de bate estacas e britadeira que dão impressão de que essa cidade nunca para de crescer. O frio, as ruas cheias de vagabundos, os hippies, as prostitutas e os viciados em LSD. Nem mesmo o barulho dos canos de descarga dos carros modernos me incomoda. Incomoda o que vou encontrar no apartamento 26 da Avenida Rio Branco, 982.

Estou há dez dias em São Paulo. Negociei com o gerente do Hotel Imperador e consegui ali um quarto simples com uma cama de casal, um rádio moderno de nove faixas (onde pretendia escutar Beatles e Elvis tranquilamente) e uma mesa pelo preço exato que podia pagar. O café da manhã e uma refeição estavam inclusos!

Por duas noites bastava deitar e dormia em seguida. Dormia bem, um sono profundo e tranquilo. Estava achando que era resultado dos dias de procura por emprego. Na terceira noite sentia saudades de minha casa em Madureira e da minha namorada, tirei minhas roupas, apaguei a luz e quando deitei algo deslizou juntamente comigo para debaixo da coberta. Levantei-me e acendi a luz da arandela. Na cama só havia o lençol e a coberta displicentemente jogada de lado.

Desliguei a luz e voltei a deitar-me. Quando já estava quase dormindo, algo se juntou a mim novamente.

Desloquei minha mão para o lado e senti uma coxa feminina, macia e gelada. Então o medo me envolveu por completo quando uma perna enroscou-se em mim.

Gritei e levantei de chofre com todos os pelos do corpo eriçados. Voltei a acender a luz.

Não havia nada na cama. A coberta jazia no chão, as roupas de cama, entretanto estavam em desalinho como é comum após um casal terminar de fazer amor.

Passei o resto da noite sentado na cadeira com a luz acesa.

Na noite seguinte consegui dormir até por volta das duas horas da manhã e acordei com tanto frio que por um momento imaginei que estivesse com minha roupa completamente molhada. Eu estava descoberto e não prestei atenção muito nisso porque chovia naquela noite e o vento gritava. A primeira coisa que pensei ou acho que pensei, pois ainda não estava completamente desperto, foi que a janela estava aberta. Arrastei os pés até o outro lado do quarto e a encontrei trancada. Dessa vez o frio me fez procurar pelos cobertores e percebi que eles não estavam na cama nem no chão. Acendi a luz, abri o armário e não achei nada ali, nenhum cobertor, lençol, toalha, nem mesmo minhas roupas ou minha mala de viagem. Naquele momento tive a nítida impressão de que estava sendo observado. Então me virei de repente, esperando ver alguém (ou algo). Havia apenas a cama, com as cobertas cuidadosamente arrumadas. Minha roupa estava em cima da cadeira passada e, pasme, até engomada. Minha mala de viagem estava ao lado da cama, mas mesmo ali sem mostrar nada de especial revelava alguma espécie de ordem no ambiente, ou nesse caso, desordem, pois nada disso fazia sentido.

Fui ao banheiro e lavei o rosto na água fria, depois sentei na tampa fechada da privada tentando lembrar o que havia acontecido. Resolvi esperar o dia clarear para conferir se não havia pedido ao serviço de quarto para arrumarem minhas coisas, mas já sabia a resposta.

Quando eu morava em minha cidade natal gostava de ouvir um programa de rádio chamado “Histórias Desse e De Outro Mundo”. O narrador contava as histórias com tamanha carga dramática que era quase impossível não ficar impressionado no final. Claro, tudo dependia do quanto quem ouvia a história acreditava no sobrenatural. Mas o suspense ia aumentando e aumentando. E você podia ouvir o ranger de portas, ou mesmo o som de passos que fazia qualquer um prender a respiração. Nessas histórias sempre havia mortes que deixava os locais assombrados. De assassinatos passionais a suicídio, maldição ou qualquer outro motivo, afinal, não falta imaginação para se criar uma história. Então me peguei perguntando para as camareiras se alguém tinha visto algo de anormal ao realizar o serviço de quarto no Imperador. Procurei o gerente e tive que aturar o olhar estranho enquanto me respondia que nunca soube de nenhum assassinato ou morte nos mais de quinze de anos de trabalho na casa. Conversei também com uma cozinheira, a mais antiga funcionária e que estava ali desde a abertura do Hotel, mulher religiosa e temente a Deus que me olhou com aquele olhar de carola e me perguntou desde quando não ia à igreja.

Passei aquela noite vagando pelo centro da cidade depois do jantar, escondendo sempre que via algum policial, afinal, ninguém quer contratar alguém preso por vadiagem.

Na noite seguinte, tomei coragem e resolvi voltar ao quarto novamente. Dessa vez liguei o rádio e relaxei, pensei que não conseguiria dormir, mas simplesmente apaguei. Não tenho ideia de quanto dormi e quando acordei me dei conta que a luz ainda estava acesa e o rádio ligado. Resolvi levantar, mas não consegui. Eu estava com os olhos abertos, pois o rádio estava em meu ângulo de visão. Vi uma sombra e pensei que alguém tinha entrado em meu quarto, tentei gritar chamando e minha voz não saiu. Surpreso, percebi que na letra da música que vinha do rádio, o cantor falava de “uma mulher que tinha poder sobre ele, que lhe tocou a alma e que a via onde quer que fosse com a parte de trás de sua mente”. Fechei os olhos e quando abri novamente observei a mim mesmo deitado na cama. Sentada na cadeira ao meu lado, uma mulher escovava os cabelos negros e compridos, suas mãos deslizavam em harmonia e sua pele clara quase transparente era tão fina quanto a camisola que vestia. Do ângulo em que eu estava entendi que flutuava quase junto ao teto do quarto na mesma posição em que estava deitado na cama. Então ela parou de se pentear e se moveu forma cautelosa como se percebesse que a estava observando. Primeiro ela olhou em direção ao meu corpo inerte e depois lentamente sua cabeça moveu-se em direção ao teto. Fiquei desesperado e comecei a gritar.

Quando acordei novamente, já era manhã. Minha garganta estava tão seca que poderia apostar que passei a noite engolindo bolas de algodão. O rádio ainda estava ligado mas mal se ouvia música alguma. Lá fora o trânsito barulhento e o som das construções davam sinal de que a cidade tinha acordado e se movimentava como um moinho. A luz da manhã derramava pelas frestas da janela e tornava a luz da lâmpada, que ainda estava ligada também, tão fraca que aquilo teve um efeito impressionante sobre o que vinha acontecendo comigo; Ignorei as lembranças do sonho daquela noite — se é posso chamar aquilo realmente de sonho —, ignorei que havia fios de cabelos no lençol que não eram os meus, ignorei que a cadeira estava ao lado da cama e não junto a mesa como costumava deixar, ignorei a mulher e meu próprio pânico. Levantei, apaguei a luz e desliguei o rádio. Durante o dia me preendi às coisas comuns para não me afastar da realidade.

Desde então volto para o quarto apenas para passar a noite. Às vezes cochilo, mas até isso me deixa cheio de receios. Ontem acordei subitamente sentindo uma rajada de vento frio vindo de lugar nenhum enquanto ouvia nitidamente uma voz feminina: “Querido, venha se deitar. Você parece tão cansado”.

Trecho do Jornal Diário de Madureira. 11.04.1970:

SUSPEITO PELA MORTE DE DONA DE CASA AINDA NÃO FOI ENCONTRADO

O principal suspeito pela morte da dona de casa Marta Conceição continua foragido. O crime que chocou Madureira pela crueldade completou 15 dias. Vizinhos afirmam que o namorado da vítima teria começado uma discussão por ciúmes de um amigo em comum do casal. A mulher teria sido espancada até a morte com golpes de...

Minibiografia: Maurício Montenegro é coautor da Antologia Poe 200 anos (em parceria com Ademir Pascale), seus contos foram publicados em antologias que retratam o mistério, a ficção e o terror. Ele vive em São Paulo com a esposa e o filho. **Contato com o autor:** mauricio.jssp@gmail.com.

A Caçada – Por Luis Maldonalle

Corria por entre galhos e troncos, em um verdadeiro emaranhado cipreste. Parou, por um momento, curvado e com as mãos sobre os joelhos, demonstrando um imenso cansaço.

Sentia o ar entrar paulatinamente enquanto os pulmões imploravam por mais. Mais uma vez a comichão saltou em sua boca como sujeira em superfície branca.

Olhou para o alto e viu a noite se aproximar, rastejando como uma negra silhueta, sobre o que fora um céu azul horas atrás.

Tentou escutar, pois queria saber se ainda estava sendo seguido, mas as batidas em seu coração não lhe permitiam ouvir nada que não fosse o ressoar de um imenso tambor ecoando em seu peito.

Resolveu que tinha que seguir adiante. Ficar poderia ser um erro fatal e o mundo àquela altura não parecia ser um lugar para erros.

A noite caía por sobre a floresta. O frio começava a invadir cada pedaço do seu corpo, assobiando a canção da morte em seus ouvidos. Hoje o abominável homem das neves deveria usar seu gorro, diria a sua avó Libby. Ajeitou a blusa de frio sobre o corpo, como se quisesse esticar as mangas sobre as frias mãos, e seguiu adiante. Precisaria de um refúgio antes que a noite se instalasse por completo.

Era só um fim de semana fora do comum na casa do tio Herb, em uma fria floresta no Canadá. Todos vinham dizendo-lhe que ele trabalhava demais e que precisava sair de férias. No fundo sabia que isso era verdade e também que devia essa visita há muito. Além disso, prometera à sua mãe.

O tio Herb era um cara legal, com seu corpanzil de lenhador com dedos tão grossos que era um mistério como conseguia usar o celular. Tinha uma casa simples, mas bem acolhedora, e o café com chocolate ao redor da lareira na sala era bem mais do que simplesmente reconfortante.

Ali era, sem dúvida, o lugar certo para recarregar a bateria e voltar para sua rotina estressante em uma grande firma de investimentos em Nova York. Aquela era a segunda noite das três que passaria por ali. Agora corria, deixando o rastro de medo atrás de si como um sinal de fumaça.

Súbito, escutou algo próximo de um uivo, um grasnido, como se algum animal agonizasse perto do fim. O uivo, que se assemelhava a um lamento, chegara coincidentemente com a noite.

Estacou novamente. Estava correndo a horas, provavelmente em círculos. A respiração ofegante erguia seu peito como uma bomba de ar. Enfiou as mãos no bolso, desesperadamente, procurando seu aparelho celular.

A grande tela iluminou seu rosto já acinzentado pelo frio e ergueu o telefone em busca de sinal, teimando com o perfeito isolamento em que se encontrava. Às vezes, esperança é tudo que se tem, lhe disse a voz da consciência.

Não entendia como os japoneses faziam a merda da sua biblioteca musical caber inteira na palma da sua mão, mas não tinha a porra de um sinal quando estava enfiado no mato. Isso quase o transformava em um Tarzan com um liquidificador ou Robson Crusoe com um Xbox.

Voltou os olhos, os grandes olhos azuis que encantavam desde o colegial, para dentro da floresta, quando teve seu raciocínio quebrado por mais um daqueles estranhos uivos. Decidiu que se era para morrer abandonado e longe da civilização iria dificultar o máximo para eles.

Tinha as costas apoiadas contra um espesso tronco de uma árvore. Mesmo exaurido, tinha que continuar e descobrir o que realmente estava acontecendo.

Se pelo menos soubesse por onde estava andando... Tio Herb conhecia cada maldito pedaço daquele lugar, lembrou. Mas não adiantava. Herb estava morto agora.

Puxou o ar mais uma vez, como se faz antes de um mergulho, e pôs-se a correr.

“18:31” era o que o seu grande smartphone dizia quando o ligara fazia pouco tempo. Devia estar nesse redemoinho insano há quase duas horas.

Onde ficava a porra da cidade mesmo? Foi o que disse quase em voz baixa.

Decidiu ir na direção em que estava, pois o caminho estava feito sobre a relva. Era como se usassem aquela trilha com frequência. Fazia sentido, então era por ali que seguiria. Pelo menos enquanto os pulmões aguentassem.

Sem saber o porquê, lembrou-se dos ingressos da final no Citi Field Baseball Stadium. Tinha usado todo seu charme e contatos para conseguir aqueles ingressos. A final seria na Terça à noite. Passariam no 1920 Bunker Club antes. Ele e Rudy, o grande amigo de infância. Depois, já com algumas cervejas na cabeça, iriam para o jogo.

Dizem que algumas pessoas antes de morrer veem um filme inteiro de suas vidas diante delas. Jack não sabia se isso era verdade, tampouco se estava realmente para morrer, mas lembrou da porra da final dos New York Mets contra os Atlanta Braves.

Independente do que achava àquela altura, Jack correu decididamente por entre aquela trilha aberta em meio ao denso matagal que era aquela floresta.

A temperatura havia caído consideravelmente e seus pulmões ardiavam como brasas sob uma grelha. No escuro os sons e formas pareciam ganhar tamanho. Longe, o uivo ganhou uma conotação de horror, diferente do lamento que Jack achara ter ouvido antes. E a cada vez que olhava por sobre os ombros, achava - na verdade quase tinha certeza -, que a extensa e negra mão que habita a escuridão lhe tocava com dedos tão frios como a morte.

Tinha a certeza de que o barulho estava mais perto agora. Eram mais rosnados do que uivos na verdade. Finalmente a trilha havia acabado e Jack chegou em uma espécie de paredão.

Sem titubear, começou a escalar a rocha. As frestas eram tão grandes que lhe permitiam servir como degraus.

Lembrou de sua antiga coleção de revistas em quadrinhos, em especial a do bárbaro Conan, criado por Robert E. Howard, em que o Cimério escalava muros e planícies tão lisas como se tivesse cola na ponta dos dedos selvagens. Mas os tempos eram outros e Jack tinha certeza de que o coração do velho bárbaro não saltava à boca em situações como essas ou tampouco sucumbiria ao pavor de uma invisível mão que pudesse habitar o coração das trevas no fundo da floresta.

Já quase no cimo da pontiaguda rocha, pôde ver seus agressores se aproximarem. Manteve-se estático como uma haste de pedra, quase se tornando parte daquele imenso pedregulho com cor de concreto. Cerrou os olhos, forçando-os sobre as pálpebras. Talvez fossem embora se não o avistassem lá em cima. Ou talvez... talvez o farejassem com o agri-doce aroma da morte, sobre bocarras escancaradas em suas faces.

E, aos montes, eles foram se amontoando lá embaixo. Eram desordenados, quase como se estivessem confusos. Mas definitivamente assustadores, terrivelmente assustadores.

Tremendo e com o medo a cavalgar por sobre seu corpo e o vento frio a lhe açoitar em pleno relento, Jack rogava para que um anjo de luz pudesse intervir e salvar sua vida. Ainda que naquele momento o mundo tivesse se transformado em um lugar inóspito até mesmo para anjos.

O bando se aglomerava cada vez mais. Eram muitos agora. À frente de Jack descortinava-se o horror. Seu odor humano provavelmente invadia as narinas de todos lá embaixo deixando-os em total alvoroço. Sem muita opção, continuou seu caminho rumo ao topo da rocha. Alguns membros do bando ousavam escalar o rochedo, sem sucesso, enquanto outros procuravam outra forma de ter acesso ao cimo.

Uma semana antes de tudo aquilo o mundo científico estivera em polvorosa: um enorme fragmento do que alguns consideravam um planeta provavelmente extinto pelo sol teria o seu cinturão lançado à órbita da terra. E embora não fosse trazer risco algum ao nosso planeta, seu brilho e incandescência poderiam ser vistos a olho nu. A Estrela da Morte, como vinha sendo chamado o enorme asteroide, passaria dentro de quatro dias, e talvez nem em cem anos aconteceria algo perto disso. Uma chance única - é o que a maioria dizia.

Connie, a mãe de Jack, insistiu que esse fosse o momento de realmente visitar o tio Herb. Aquela seria uma ótima oportunidade de ver algo tão único assim sobrevoando os céus de nosso planeta.

O local onde morava o tio Herb era o palco perfeito, um lugar onde todas as noites podia-se até mesmo contar as estrelas no céu. Diante daquele enorme véu escuro tudo parecia brilhar mais e mais. Jack tinha visitado o lugar algumas vezes na sua infância e sabia que isso era verdade.

Então, no exato momento que havia sido anunciado aos quatro cantos, Jack e o tio Herb estavam do lado de fora da casa, aquecidos por uma bela fogueira caseira. Ficaram abismados quando a Estrela da Morte cruzou o céu sobre suas cabeças, que estendidas, olhavam para o alto, estupefatas. O brilho era impressionante e trazia uma cauda de fogo que serpenteava no negro céu.

Impactados com a unicidade e beleza do momento, Jack e tio Herb fitavam a grande bola de fogo a atravessar os céus e permaneceram em silêncio, apenas observando.

Entretanto, o que não fora detectado pelos entusiasmados cientistas e pesquisadores era o alto grau de radioatividade, além de um exótico mineral que em contato com a nossa atmosfera poderia se transformar em algo tremendamente nocivo, principalmente para alguns animais.

Menos de um minuto depois, enquanto sua cauda ainda tremeluzia diante dos olhos de milhares, as pessoas, admiradas, registravam tudo em seus celulares e tablets. Sorrisos e faces de espanto olhavam para o céu, admirados. E mais e mais a cena ia se repetindo em diferentes pontos do mundo.

Do lado de fora da cabana, em frente à fogueira, tio Herb olhava, impressionado, o grande e brilhante cometa sobre sua cabeça iluminando como um grande sol tudo à sua volta.

O espetáculo foi interrompido quando um rosnar atípico se fez ouvir vindo de dentro da casa.

Desviando os olhos por um momento, tio Herb voltou seu olhar para a frente da casa e no escuro da porta entreaberta viu surgir o brilho efusivo de dois pontos avermelhados. Não entendeu ao certo. Apenas o velho cão Salt estava lá dentro e sempre fora manso como uma criança calma.

Jack também voltou seus olhos por um instante e viu que algo estranho acontecia.

O focinho esbranquiçado surgiu pela fresta da porta tendo agora, o brilho da Estrela da Morte sobre sua carranca com pelo acinzentado. Os dois se entreolharam.

Salt aproximou-se com os dentes à mostra. Os caninos saltavam-lhe à boca, brancos como marfim. As unhas pareciam maiores e o ar amistoso do velho cão dera lugar a um semblante de fera incontrolável, prestes a atacar.

Diante da situação, tio Herb ajoelhou-se e chamou o velho companheiro para perto deles, como se aquilo não passasse de um mal entendido.

— Ei, Tio, acha mesmo uma boa ideia? Ele parece um tanto transtornado.

— Calma Jack. É o velho Salt. Está comigo há mais de quinze anos... Venha cá, garotão. O que foi? — disse Herb, gesticulando amistosamente para o cão.

Salt havia se transformado em um imenso rato gigante que berrava contra a vassoura.

Os olhos do tio quase saltavam de sua órbita, tamanho o susto. Ficaram estacados por algum momento e Jack ainda não havia entendido muito bem o que acontecia.

Ouviu um farfalhar no arbusto longe atrás da fogueira, seguidos de uivos e rosnados assustadores. A grande bola de fogo ainda cruzava os céus quando o velho cão Salt avançou sobre o dono com o ódio reluzindo em seus olhos alaranjados.

Jack, estacado com o ataque, não teve o que fazer, e viu o cão estraçalhar o pescoço do tio com uma ferocidade implacável. Nos arbustos um bando de hienas surgia com o mesmo olhar insano e bocarras escancaradas sobre os prolongados focinhos, enquanto, ao longe, mais uivos e grasnidos se juntavam ao bando.

Olhou para o corpo de Herb sendo desmembrado e o medo correu por todo o seu ser. Lentamente foi abandonando a cena, andando para trás.

As hienas surgiram através do arbusto, enlouquecidas pela passagem da bola de fogo, e agora cravavam os dentes sobre o cadáver do tio. Mais e mais pareciam surgir. Uma hiena que passava a língua entre os dentes, ainda com a face suja de sangue, olhou para Jack como se dissesse: você é o próximo, garoto!

Apavorado, Jack pôs-se a correr, o coração saltando lhe à boca.

Em todo o mundo havia relatos de cães e animais que se tornaram descontrolados, praticamente enlouquecidos.

Agora Jack estava escalando o cimo da rocha enquanto todos eles se aglomeravam lá embaixo esperando que o cansaço ou o desespero levassem-no a falhar.

Olhou para baixo uma vez mais, vendo os olhos coloridos e pelos eriçados sobre os longilíneos corpos das feras.

Esforçou-se e a mão alcançou o topo do imenso rochedo. Rolou de lado deixando o cansado corpo espalhado pela superfície arenosa do rochedo. Ainda ofegante, abriu os olhos e viu o negro céu que circundava, como uma enorme redoma escura, o firmamento. O coração ainda batia descompassado dentro do peito.

Ali em cima os uivos e rosnados pareciam chegar mais assustadores do que antes. Resolveu erguer o corpo e arranjar uma maneira de sair dali. Cedo ou tarde aquelas criaturas conseguiriam chegar ao topo da montanha. Seria bom que não estivesse mais por lá quando isso acontecesse.

Chegou perto do limite da encosta e deixou seus olhos avistarem o bando lá embaixo, mesmo com o lancinante frio da altura golpeando seu estômago. Identificou Salt entre eles. Parecia o líder, se é que tinham algum.

Um coioote com o pelo dividido entre preto e branco e um enorme respingo de sangue sobre a face caminhava em círculos, trazendo consigo um pedaço da perna do tio Herb, ou o que sobrara dela.

Os olhos de Jack corriam por toda a extensão da montanha.

Ao longe parecia ouvir o barulho de água.

Resolveu então cruzar os arbustos que se encontravam à sua esquerda, pois era o que tinha àquele momento. Afastou os galhos com a mão enquanto espinhos e ramos rasgavam e penetravam no seu espesso blusão de frio. Continuou atravessando o denso corredor de galhos e troncos que se assemelhavam a uma coroa de espinhos.

Ouviu o barulho da água mais próximo e pensou na possibilidade de realmente estar salvo. Quase sorriu. Pensou estar quase no fim daquele emaranhado esverdeado e, antes do que imaginou, saiu em uma clareira oval que tinha a luz da lua como um holofote brilhando em um grande palco iluminado.

Tinha seu blusão quase coberto de cortes e rasgos. Nas mãos, espinhos cobriam partes das falanges de seus dedos e filetes de sangue escorriam enquanto o frio esbofeteava sua face com uma fina luva de gelo.

Aproximou da encosta saindo um pouco do palco oval à suas costas.

Lá embaixo, no fim do penhasco, entre rochedos e recifes a corrente d'água explodia contra as rochas em uma violenta maré. Deixou seus olhos mergulharem naquele penhasco, percebendo que era, de fato, sua única saída. Mas, mesmo que sobrevivesse à queda, ainda havia os recifes e a temperatura da água que poderiam matá-lo antes mesmo que encontrasse a margem.

Passou as mãos sobre o rosto gelado, e quase desistiu. Era apenas um fim de semana com seu tio e que não via por uma longa data, pensou. E agora estava na encosta de um penhasco pensando em vida e morte como uma escolha entre cara e coroa decidida por uma moeda.

Pelo visto a reunião com um investidor alemão na segunda teria que esperar. A final com Rudy na terça também. Provavelmente até o jantar com a estagiária do marketing. A não ser que ela acreditasse na vida após a morte, pensou, e quase sorriu novamente.

Os arbustos farfalharam violentamente, seu coração disparou.

A luz ainda tinha seu holofote, ali, no palco daquela encosta.

Viu o focinho esbranquiçado surgir quase com graça, iluminado pelo brilho da lua, logo seguido pelos olhos coloridos. Salt foi o primeiro, seguido por mais dois. Pararam sobre o oval círculo de luz e ficaram observando por um instante sua presa.

Estáticos, cruzaram os olhares por um bom tempo. Salt estava no meio, era o líder, sem dúvida. O coioote listrado em branco e preto trazia a perna de Herb ainda consigo, um troféu de osso e sangue. O vento sibilava com furor sobre a encosta.

Salt deu um passo à frente. A meia lua amarela brilhava no centro do seu olho, seus caninos brancos rosnavam e o vento corria sobre seu pelo eriçado. O arbusto se mexeu uma vez mais e dele surgiu o resto do bando. O jantar estava servido, e agora todo o bando encontrava-se no cimo da encosta.

Jack deu mais um passo para trás. Tinha ali seu limite: o calcanhar sob a perna que tremia, estava à beira do penhasco.

O vento açoitava suas costas, os cortes ardiavam em suas mãos.

Então Salt ergueu-se sobre as patas com as imensas unhas agarrando-se ao chão. Praticamente em pé, mostrando a barriga peluda e os dentes escancarados, rosnou como uma besta sob o brilho da lua. Parecia enorme visto dali, à beira da encosta.

Voltou as patas dianteiras ao chão, olhou uma última vez para seu bando e jogou-se em direção a Jack.

A distância parecia enorme.

Jack viu as patas afundarem no chão em cada passo, aproximando cada vez mais de onde estava e curvou o corpo, esperando o ataque. Não tinha mais aonde ir. Colou seus olhos na horrenda face de seu predador.

Ali, sob aquele frio e lancinante vento, os segundos pareceram uma eternidade. Todos os olhos do bando estavam juntos com Salt.

Jack retesou seus exauridos músculos enquanto seu coração ribombava em seu peito. Salt, decidido, saltou sobre Jack. No impacto e já à beira do penhasco, caíram agarrados em um vertiginoso mergulho.

Jack tentava conter as investidas do seu peludo algoz, mas as incontroláveis presas alvas de Salt cravavam em seu antebraço retirando nacos de carne e sangue misturado ao espesso nylon do blusão fazendo com que ele urrasse, em uma dor visceral, enquanto o mergulho continuava.

Incansável, Salt investia seguidas vezes contra a face de Jack, o sangue espalhando-se em plena queda. Logo teve sua artéria carótida rompida pelos afiados caninos do Cão, que golpeavam seguidamente a face lateral de seu pescoço.

No alto do penhasco, o bando aglomerava-se à beira da encosta assistindo o espetáculo, passando a língua entre os dentes com os focinhos ainda cheios de sangue... e uivando.

Jack se rendera ao vazio e, de forma embaçada, via a luz da lua e os olhos do horror a lhe rasgarem o pescoço. O vento frio não mais incomodava.

Como uma rocha, os dois adentraram a fria água que cobria os corais. Jack absorvera todo o impacto, esmagando costelas e ossos.

Com a colisão, entregou-se aos braços da morte, afundando com o sangue ainda jorrando de sua garganta estraçalhada. Os olhos lentamente se apagando.

Do outro lado da encosta, Salt boiava em direção à margem.

Do cimo da montanha o bando via seu líder ser levado à margem pelo balançar das ondas. O silêncio era quebrado pela maré que se jogava violentamente contra os recifes e corais.

Salt jazia desacordado na superfície arenosa. A boca ainda trazia a vermelhidão do sangue de Jack espalhada pelo alongado focinho esbranquiçado. Entre os dentes jaziam pedaços de carne.

Súbito, seus olhos se abriram, a amarelada meia-lua brilhou como fogo no centro do seu olho.

Pôs-se de pé e chacoalhou o corpo no intuito de secar a molhada pelagem que cobria seu corpo. A espessa cauda chicoteava o ar espalhando gotas à sua volta.

Olhou para o alto e viu seu bando em alarde. Comemoravam quase como um bando de bárbaros enlouquecidos.

Ficou em pé sobre as duas patas como uma enorme criatura da noite e berrou para o alto em direção ao cimo, onde encontravam-se os outros.

Os dentes, arreganhados, estavam sujos de sangue... e ele queria mais.

Minibiografia: Luis Maldonalle é autor do livro Sete Noites em Claro. Guitarrista há quase trinta anos com enorme destaque na cena do Centro-Oeste, Luis é um apaixonado pelas histórias de terror e

suspense, além de quadrinhos e literatura. Blog: maldonalleblog.wordpress.com. **Contato com o autor:** luis Maldonalle@hotmail.com.

Malaquias – Por Danny Marks

El's havia se tornado um daqueles fenômenos que só é possível em tempos de fast food social. Havia tanta pressa em todas as coisas que a uniformização dos serviços e a agilidade eram mais necessárias que a qualidade, às vezes, mais importante. A boutique de café se tornara o point do momento, com suas páginas nas redes sociais, acesso livre ao WiFi, os pedidos digitados diretamente nas mesas em telas touchscreen que eliminavam a necessidade de menus.

Sandro folheava uma antiga HQ no seu tablet, quando Evandro sentou-se com o paletó desabotoado exibindo a camisa amarela e um sorriso branco.

— O que é isso? Site de Satanismo?

— História de Terror. Coleciono. Então o que queria?

— Vocês Nerds e suas esquisitices. Essa porcaria não existe, não aprendeu ainda? Se o Diabo existir manda ele curvar o meu dedo...

Evandro sustentou o dedo do meio apontando para o teto antes de apertar uma das imagens do menu digital.

— Não devia brincar com o que não entende. Foi para isso que me chamou?

— Garoto, mais respeito. Sou seu amigo, lembra? Quem te ajudou com a Ana? Hein?!

— Você nunca foi meu amigo. Só se aproximou de mim porque queria que fizesse algumas coisas para você. Eu... teria resolvido o problema com a Ana...

Uma atendente trouxe uma bebida à base de café e deixou à frente de Evandro, nenhuma palavra trocada. Sandro tomou mais um gole da sua água de coco de caixinha.

— Não seja mal agradecido, garoto. Se não fosse por mim ela estaria atrapalhando você até hoje. Fiz com que fosse demitida, não foi? E você está no lugar dela agora por minha causa. Reconheça, nunca chegaria onde está se não fosse por mim.

— E agora você tem informações privilegiadas de todos na empresa...

Sem dizer nada, Evandro levantou-se, foi até o banheiro, lavou as mãos e ajeitou o cabelo. Quando voltou o outro já estava entretido com a sua revista digital. Desprezava essa gente, a preguiça crescendo neles como tecidos adiposos, acumulando-se nas veias congestionadas. Odiava ter que lidar com pessoas sem energia, que se agigantavam na informática porque era mais fácil lidar com máquinas. Servos comandando escravos eletrônicos, uma cadeia decrescente de subgente sem ambição maior do que se empaturrar com suas comidas naturebas, seus remédios para a saúde. Para Evandro, o tecido da sociedade seria melhor sem essas excrescências vermiformes que atrapalhavam o verdadeiro jogo da vida, mas se havia peões, era preciso usá-los, sacrificá-los quando preciso. Ou um peão poderia ser conduzido a um lugar privilegiado, se tornar um rei, uma rainha, uma torre, fazer seu jogo valer a pena. Tomou um grande gole da bebida gelada, mas logo a afastou, um gosto metálico lhe estragando o paladar.

— Preciso que monte um dossiê do Walter. Quero saber tudo sobre ele.

Walter era o concorrente de Evandro ao cargo de gerente médio, haviam sido contratados para a empresa quase na mesma época e desde então competiam em uma corrida rumo a presidência, embora aparentemente se dessem muito bem e até tivessem feito alguns trabalhos juntos. Evandro estava disposto a jogar em outro nível, e Sandro fora o lance desenvolvido para vencer de vez o adversário, um peão elevado a um nível capaz de virar o jogo, mesmo que tivesse que ser sacrificado na sequência.

— Isso vai dar trabalho, precisarei entrar no servidor do RH e...

Evandro começou a suar frio, a voz de Sandro ficando distante como se o outro fosse sugado por um tubo que se alongava e aspirava a tudo a volta, substituindo por uma escuridão de vazio.

Quando percebeu estava flutuando em meio ao nada, a única coisa era o seu corpo crucificado no vazio da agonia. Não conseguia gritar, não sabia como estava respirando. De alguma forma a ideia de que havia sido envenenado lhe atravessou os pensamentos.

Sentiu outra presença, não dava para ver quem; o rosto, o corpo, até mesmo as roupas mudavam a cada segundo mantendo uma aparência humana em algum nível indefinido.

— Você não acredita em mim, mas eu acredito em você. Querida uma prova? Os dedos da mão direita de Evandro se curvaram em um ângulo impossível enviando novas ondas de dor por todo o corpo. A mão esquerda fez com que a primeira onda parecesse uma carícia. Quando a escuridão o abraçou novamente sentiu alívio.

Levantou-se de um pulo tentando sugar o ar do mundo que lhe fugira, agarrando as mãos instintivamente. Era o seu quarto, vozes discutindo atraíram a sua atenção até a porta. Seu pai ameaçava a moça bem mais jovem que ele, sua mãe, que suplicava. A mesa de jantar estava posta.

— Ai está o bostinha inútil, preguiçoso, estúpido. O que trouxe desta vez? O que conseguiu?

Evandro sentiu um ódio imenso por aquele homem, queria matá-lo com as próprias mãos, mas elas haviam encolhido até ficarem pequenas demais para qualquer coisa.

— Responda para o seu pai, menino. Ele é um homem bom e só quer o seu bem. Todos nós precisamos fazer sacrifícios na vida.

Evandro, deitado sobre a mesa do jantar, esperava ser devorado pelos pais que tinham dentes de tubarão que aguardavam algum tipo de sinal para começarem a refeição.

Alguém se aproximou da mesa, curvando a cabeça para trás Evandro pode ver a criatura multiforme, que se estabilizou em um Sandro vestido com um manto, o capuz jogando sombras sobre o seu rosto, os dentes podres exalaram um odor nauseante quando anunciou:

— Eu lhe trouxe o dossiê, quer que o sirva agora?

As mãos de Sandro se ergueram acima da cabeça, segurando juntas um tablet, que se transformou em uma adaga pouco antes de descrever um semicírculo faiscante.

O tapa atingiu Evandro no rosto. Cristina, Eliandra, Suzana, todas as mulheres que havia conhecido se alternavam naquele corpo de mulher, todos os vestidos, toda nudez consentida ou não, mas a fala era apenas uma.

— Você é uma fraude, um traidor. Você é pobre!! Que poder tem? Como vai me proteger se não consegue proteger nem a si mesmo?

Evandro queria se defender, dizer que traição gera traição, algo que o seu íntimo lhe gritava, mas as palavras não saíam. Perdera a confiança nas pessoas, no mundo, em si mesmo, era uma fraude. Perdera...

— ... até onde vai isso? O que pretende fazer? Eu não vou arriscar o meu pescoço a menos que... Algum problema? Está com uma cara esquisita.

Evandro estava de volta à cafeteria numa piscada de olhos depois. Abriu sua boca sem conseguir falar nada enquanto o outro o olhava sem perceber o terror que o invadia. Levantou-se, jogou apressado uma nota de cem sobre a mesa e fugiu dali deixando Sandro atônito. No tablet o demônio exibia uma careta de fúria.

Na mesa em frente uma moça com asas tatuadas subindo pela cintura baixa da calça, girou o corpo para encarar Sandro, deu uma piscada e levantou-se. Foi embora com um sorriso satisfeito, o rebolar agitava as asas que lhe brotavam das nádegas em um voo trôpego.

Minibiografia: **Danny Marks** é Professor pós-graduado em Alfabetização e Letramento. Escritor especializado em contos, crônicas. Autor de Universo Subterrâneo (Multifoco), O Jogo (Navras) com participação em diversas antologias. Co-Organizador da Antologia “Dias Contados” (Andross). Responsável pelo blog osretratosdamente.blogspot.com e colaborador em diversas antologias.

Não ponha a culpa nas Estrelas se a sua vida não for tão boa quanto gostaria; no fim todos nós alcançamos o que fizemos por merecer. Ou não? Blog: osretratosdamente.blogspot.com. **Contato com o autor:** dannymarks63@gmail.com.

A Marca da Besta – Por Elicio Guerra

As noites desbotadas na alma de Aninha se foram porque o seu romance está breve. À janelinha entreaberta ela admira o luar de tão brilho; neste período o seu estranho amor é infalível, pois bebe a seiva venosa da sua ninfeta à longa distância. Ela mal contém o cálice da sua luxúria pelo encontro animalesco; da última vez teve três orgasmos em sequência... O pior é que a garota não sabe nada sobre ele, sequer tirou-lhe um fragmento de voz; a sua tara desenvolveu-se por um encontro abrupto no jardim noturno defronte à fazendinha dos seus pais; numa curta fresta do calor veraneio Aninha deparou-se com uma lenda em carne, a mesma que lhe roubou a inauguração das frestas, inicialmente tímidas, rígidas, tensas, mas que aos poucos das lambidas e toques propícios tornaram-se úmidas, frenéticas, sedentas. A criatura foi-se ao matagal e o segredo ficou dela para o seu sonho, talvez macabro em certa medida, mas absurdamente viciante. Após o ilógico grude, é das luas cheias que Aninha mais gosta; espera mais um replay daquela descoberta quase tântrica ou vuduísta, sempre estreita pelos suspiros metamórficos e o peito em galope afoito a cada iminência.

Durante as cinco vigílias, pós-incêndios, Aninha pouco pensara, apenas queria o que quer toda novinha curiosa por prazer, sempre em escala surpreendente; agora ela anima um propósito a mais. “Preciso arrancar algo dele”... “Pedir algum detalhe da sua fase humana”... “Quem será ele na época comum, sem uivos nem pelos, nem sabres na boca salivada?”... “Caso não lhe escape nada, deixarei alguma marca na sua carcaça musculosa e rude, uma espécie de tatuagem amorosa para que, talvez o reconheça quando estiver sem a sua mórbida transformação”.

Passada a expectativa muda, um chamado agudo despenca Aninha da minúscula janela, exata à sua estrutura magricela, todavia de quadris esbeltos e seios no ponto; ela corre até a mesma árvore, onde debaixo fora deflorada à força, até tornar-se filha do desejo maníaco que agora não consegue podar; com pouco, novamente, sem denotações eloquentes nem apegos de conquista, os dois se refazem sob os encantos da lua frondosa que parece abençoá-los, embora o nosso satélite seja indiferente a isso. Sobre a relva orvalhada o corpo da adolescente trepida e sua, quase convulso, enquanto a criatura saída do folclore popular lhe entra e sai com vigor, mas também tomada de cuidados, como um King-Kong brasileiro, totalmente súdito à sua musa dominada, quase todo o tempo fazendo apenas o que ela lhe implora por sussurros roucos de volúpia e arranhaduras enfáticas às suas largas costas de monstro que se deixa ferir por cumplicidade apaixonada, um sentimento que também magnetiza as feras, principalmente quando o feitiço chega ao revés do pretendido; mesmo em seu estado selvagem, quando o humano é sufocado pelo bicho, a presa que deveria ser mastigada após o único sexo, tornara-se objeto de adoração. Os fôlegos recombinados proclamam o finalzinho dos esforços, Aninha absorve devota o hálito acre do lobo-homem em consonância ao leite quente ejetado nas suas íntimas entranhas; ao cabo da concupiscência ela cumpre o seu decreto. Da cintura desembainha um pequeno punhal e, firme, tatua o ombro do lobo bípede; inflige uma letra como sinal perpétuo na perspectiva de, quem sabe, desvendar a sua identidade entre os sociáveis. A besta logo sente o ardor e as instâncias de vermelho em queda, por isso parte transtornada; sequer estaca para observar a nudez translúcida da sua beldade ao sereno estrelado, como em toda a vez; simplesmente urra intensamente até o verde fechado deixando a sua trilha de sangue, frustrado pela atitude imprevista da jovem amante.

Alguns dias depois, quando a saudade parece destroçar a cada poro da branquinha de recentes dezoito anos, ela, de assento à frente da propriedade rural dos seus genitores, tem uma revelação inusitada; o sol convidativo parece de chumbo e a alma um caldo negro de proporções quase suicidas, contudo, ao simples gesto do caseiro empregado há poucas horas, tudo se torna uma espécie de carta azul; o rapaz tira a camisa para arrefecer a sua sudorese, mas acha um tesouro enigmático; ele encara o rosto abismado e libidinoso da rapariga que lhe aparenta uma relação de longas datas, finca o seu espírito a uma troca de códigos aéreos, todavia atordoantes; Aninha sorri e lança o seu visual castanho, cheio de brilho por saber que acaba de ganhar do universo o seu mistério.

Minibiografia: **Elicio Guerra** começou a escrever na adolescência, a princípio somente poesia. Retornou com toda a força à seara literária em 2011. Fez duas oficinas literárias e hoje é estudante de Direito (curso o sétimo semestre) completamente apaixonado pelo poder das letras. Tem dois livros publicados: Vozes Poéticas e Contos Urbanos. **Contato com o autor:** elicio.nascimento@hotmail.com.

Bichinho de Estimação – Por Igor Fernando de Oliveira

Quase todo mundo gosta de um. Nós os compramos, damos comida a eles, limpamos sua sujeira. Os amamos da forma mais pura e sincera possível. E em troca eles dão todo o carinho do mundo para nós. Mas às vezes eles dão problemas. Destroem os móveis, arruinam os tapetes, arranham as portas e paredes. Porém são apenas bens materiais. Poderia ser pior.

Na verdade, o que me fez ter problemas foi um cachorro que eu decidi adotar. Já havia me divorciado há quatro anos, quase não via meus filhos e tinha uma imensa casa herdada dos meus pais, com um belo quintal, mas que sempre parecia apaticamente vazia. Acabar optando por um cachorro pareceu uma escolha natural para mim, pois eu sempre gostei deles. Afinal, era considerado melhor amigo do homem, e isso era verdade. Nenhum outro bicho ou pessoa nos recebe com tanto carinho ao nos ver chegando. Nenhum outro bicho ou pessoa é capaz de nos aceitar apesar de todos nossos defeitos. Com certeza um vira-lata iria animar a minha casa vazia.

Fui até um canil, pois nunca me importei muito com as raças. De todos que havia lá um me chamou atenção. Era um filhote sem raça definida de pelo preto, que estava encolhido em um canto. Tentei mexer com ele, mas o bichinho nem ligou. Parecia realmente abatido. Por um motivo – talvez por parecer solitário – acabei escolhendo ele.

Coloquei-o no banco do passageiro e o levei para casa. Percebi que ele tinha um cheiro bem estranho, o que significava que um banho urgente seria necessário.

No começo o cão estranhou a nova casa. Não gostava de brincar, nem latia e sempre ficava encolhido no seu canto. Eu dei um banho nele, para ver se o cheiro ruim saía, mas ele mordeu a minha mão e começou a rosnar. Tudo bem, levaria tempo para eu ganhar a confiança dele.

Poderia ser pior.

Mas com alguns dias eu percebi que o cão não se acostumou. Passava a maior parte do dia deitado num canto do quintal, levantava apenas para comer e o cheiro ruim não ia embora.

Os meses se passaram e o cachorro pareceu alargar de tamanho. Comia cada vez mais, a ração parecia não ser o suficiente. E ele ainda não deixava tocar nele. Agora o cheiro ruim impregnava todo o quintal.

Estava começando a achar que foi um grande erro ter pegado aquele cachorro.

Foi quando fez seis meses que eu estava com ele que as coisas começaram a se complicar. Para começar o bicho estava imenso. Se ficasse nas duas patas alcançava fácil dois metros. O pelo dele ficou um preto mais escuro ainda, as orelhas curtas e pontudas sempre apontavam para cima. O focinho alongado e seus dentes mostravam-se enormes. O peito era musculoso e as patas grossas. Mas o que mais me incomodava eram os olhos. Diferente de todos os outros cachorros que já vi, os olhos desse bicho eram de um quase imperceptível vermelho escuro. Nem sempre era visível, mas em dias claros dava para notar o pigmento carmim em seus olhos e isso era muito assustador.

Foi em uma tarde de sábado que as coisas pioraram. Eu estava abrindo a garagem para estacionar o carro, e o cachorro passou correndo - mais parecia um trovão negro - e foi para rua. Procurei por todo o bairro e não tive sucesso. Quando eu estava desistindo da busca vi uma sombra no horizonte que foi crescendo e tomou a forma de um enorme cão preto. Respirei aliviado ao vê-lo. Tinha medo que ele atacasse uma criança. Peguei-o pela coleira e o guiei de volta para a casa e enquanto nós andávamos, percebi que ele mastigava alguma coisa. Com cuidado abri sua boca, ele acabou cuspidando algo na minha mão. Era algo fino e longo. Por estar mastigado, babado e com sangue eu demorei em perceber que era um dedo humano. A unha pintada de azul indicava que era de uma mulher. Meu coração disparou e eu me senti enjoado. Puxei o cão com mais força e entrei em casa.

Corri até o banheiro, joguei o dedo no vaso sanitário e dei a descarga. Depois fui até a pia e vomitei. Em seguida me sentei no chão e em choque fiquei lá por um bom tempo. Tentei me acalmar. Alguém fora mutilado. Algo terrível. Mas ela deveria estar viva, não? Na teoria ninguém morre por perder um dedo.

Poderia ser pior, eu pensei, tentando me acalmar.

Algumas semanas se passaram e francamente eu não sabia o que fazer com o cão. Fui tentar devolver no canil, mas o homem obviamente não o aceitou quando viu o tamanho do bicho. Não podia soltá-lo na rua, pois ele era um perigo e ninguém mais iria querer uma coisa daquela.

Foi nesses dias que eu não tinha a mínima ideia do que fazer, que eu tive o pesadelo. Foi terrível. Sonhei que era tarde da noite, e eu tinha ficado mexendo no computador. Estava em algum site qualquer quando ouvi um barulho no quintal. Estranhei o fato, pois o cão raramente fazia barulho, poucas vezes ouvi ele latir. Apaguei a tela do computador e fui até lá fora para ver o que acontecia.

O quintal estava muito escuro. Porém, mesmo na penumbra vi que o cachorro estava sentado, parecia bem calmo. E havia um homem acariciando a cabeça dele. Eu só via sua silhueta, esguia e alta, que emanava alta imponência e densa autoridade.

Lembro que no sonho eu senti medo, muito medo, mesmo sem saber quem era aquele homem. Mas só quando ele se virou e me viu o observando, eu senti o mais puro terror. Apesar da escuridão eu vi seus olhos, e eles eram aterradores. A íris avermelhada. Não o vermelho vivo que nem sangue fresco, mas sim um vermelho cru, apagado. Uma cor maldita. A mesma dos olhos do cão.

Acordei assustado, meu corpo todo empedrado em suor, o coração batendo forte demais. O quarto todo parecia cheirar tão ruim quanto o cachorro, como se ele estivesse entrado lá enquanto eu dormia. Foi nesse momento que eu finalmente entendi.

Tudo passou a fazer sentido, o cheiro ruim dele, sua aparência assustadora, o pesadelo. Mas mesmo assim eu custei a aceitar que meu adorável bichinho de estimação era um cão do inferno. Virei-me na cama desejando nunca ter adquirido aquele cão idiota, e eu sabia, não importava como, eu tinha que me livrar dele.

Na manhã seguinte eu fui até o supermercado e comprei veneno para rato. Voltei para casa e misturei o veneno com a ração dele. Com sorte ele morreria. Tudo iria acabar bem. De dentro da sala observei ele acordar, ir até o pratinho de ração. Farejar a comida. Esperei tensamente ele comer.

Mas ele não comeu. Levantou a cabeça e olhou para minha através da porta de vidro. E eu senti uma onda de terror acertar meu corpo ao ver aqueles olhos avermelhados me encarando. O bicho começou a rosar, mostrando seus enormes dentes pontudos. Gotas de babas escorriam e pingavam no chão. Quando ele latiu, achei que meus tímpanos fossem explodir. Seu latido parecia um estrondo, um trovão.

Eu não sei o motivo dele nunca ter me atacado de verdade antes. Talvez porque eu lhe alimentava, tornando-o mais forte. Talvez ele precisasse de mim para isso. Mas agora eu tentei acabar com ele e tinha falhado e sabia que ele é que iria me matar.

Corri até a porta e tranquei-a a chave. Me afastei bem a tempo de ver o vidro explodir em milhares de pedaços, com os cacos voando para todos os lados e a enorme pata dele tentando me acertar.

Desesperado me afastei da porta. Sabia que ela não iria aguentar muito, então arrastei um armário e o coloquei selando a porta.

Me tranquei no meu quarto, sentei na cama e em meio ao desespero e terror pensei no que fazer. Eu fui tão burro, deveria ter pensado em um plano B. Agora a ideia inicial tinha falhado e tinha um cão do inferno na minha cola. Igualzinho a música do Robert Johnson.

Pensei em possíveis armas, algo que servisse como bastão, ou então alguma coisa perfurante. Procurei no guarda-roupa e vi que nada lá poderia me ajudar. Então teve um estalo na minha mente: recordo que quando criança, minha mãe sempre implicava com o meu pai por causa de alguma coisa que ele guardava. Só muito tempo depois eu soube que era uma arma. Procurei na parte de cima do guarda-roupa e achei uma caixa bem ao fundo. Ao abri-la vi que a arma estava envolta em papel pardo. Depois de muito mexer nela consegui abrir o tambor e vi que estava carregada.

Respirei fundo. Não tinha jeito. Eu tinha que fazer aquilo.

Lá fora o cão uivou em um ulular infernal.

Meu corpo todo tremia. Sai do quarto com a arma em punho, e passo a passo me aproximei da porta que levava até ao quintal. Arrastei o armário e olhei. O bicho não estava à vista. Destranquei a porta. O coração acelerado, a adrenalina percorrendo minhas veias. Uma parte de mim dizia para correr,

fugir o quanto antes. Mas eu prossegui. Avancei para fora. Me movimemente apontando a arma em todas as direções, mas o cão havia sumido.

Confuso, voltei para dentro de casa. Como ele desapareceu? Talvez pulando o muro para o quintal do vizinho.

Foi então que a fera latiu. Tomei um susto tão grande que quase deixei a arma cair. O latido era alto e perfurante e eu não sabia dizer da onde o barulho vinha. Era como se viesse de todos os lugares ao mesmo tempo.

Senti raiva ao perceber que o bicho estava brincando comigo. Corri para dentro de casa.

Havia apenas uma janela na minha casa e ao olhar para ela juro que vi um vulto passar de forma rápida demais para eu distinguir sua forma. Dei alguns passos em direção a janela. Eu precisava fechá-la. Quando estava quase conseguindo algo fez um enorme buraco na porta de entrada e dessa vez foram lascas de madeira que voaram. Por um breve segundo eu vi a cabeça do cão negro surgir pelo buraco na porta, então ele fez mais força e a atravessou, como se aquele carvalho antigo que a compunha fosse apenas uma leve crosta de gelo. O cão estava na minha frente e eu sabia que estava perdido.

Achei que ficaria paralisado de medo, mas por instinto eu levantei a arma, mirando bem na cabeça. Atirei.

A arma fez um estalo metálico e nada aconteceu.

O cão avançou em minha direção e saltou. A boca aberta revelando seus dentes que mais pareciam navalhas. As presas dele cravaram-se em meu antebraço. Cai de costas no chão e a arma deslizou para longe.

Fiquei alguns segundos naquela posição. A fera enorme em cima de mim, eu tentava mexer o braço para ele me soltar e ele não o fazia. De forma lenta e cruel, ele puxava para o outro lado, rasgando minha pele, dilacerando ainda mais a carne de meu braço. A mordida doía muito, provavelmente tinha quebrado meu osso e subitamente senti o ferimento queimar. Como se seus dentes fossem ferro em brasa, que não apenas dilaceravam meu braço, mas o queimavam também.

Eu não podia ficar naquela situação. Tinha que fazer algo. Olhei para os lados. A arma estava longe demais. E tudo o que havia no chão eram lascas de madeira.

Bom, iria servir. Estiquei meu outro braço e peguei uma de quase vinte centímetros.

Com toda a força que eu tinha finquei a madeira no olho esquerdo do cão, que urrou de dor, e finalmente libertou meu braço. Me arrastei até a arma, e dessa vez lembrei de soltar a trava de segurança.

Apontei para a criatura que pulava em minha direção e novamente apertei o gatilho. Dessa vez houve um estrondo, senti o impacto da arma puxando minha mão para trás. Também vi a lateral da cabeça do cachorro explodindo e seu sangue e miolos voando para todos os lados, espirrando em tudo, incluindo meu rosto. Ele caiu no chão e depois de alguns espasmos nunca mais se mexeu.

Tensamente olhei para aquele cenário de destruição. A porta de entrada destruída, o tapete sujo de miolos e sangue e no centro de tudo o cão morto, que não tinha um lado da cabeça, e a outra metade havia uma imensa viga perfurando seu olho.

Comecei a achar que eu precisava me mudar.

E eu me mudei.

Depois daquilo minha vida nunca mais foi a mesma. Frequentei igrejas das mais diversas religiões, comecei a estudar demonologia e rituais para afastar o Maligno. Comprei cada livro que mostrava como me livrar do mal e fazia cada feitiço que havia lá para me proteger. Mas mesmo assim quando acordava, eu sentia o mesmo cheiro ocre do cão nas minhas coisas, enxofre. Como se alguém estivesse mexendo nelas enquanto eu dormia.

Lembrei daquele sonho aterrador em que uma silhueta assustadora acariciava o cachorro.

Eu sabia que ele estava brincando comigo, assim como o cão fizera antes de tentar me matar. Também pudera, eu matei um cão do inferno e agora o dono estava atrás de mim querendo se vingar.

E meu chapa, nada pode ser pior do que isso.

Minibiografia: Igor Fernando de Oliveira é Formado em logística, escreve desde 2009. Participou com um conto no livro “Sombrias Escrituras – Vol. 2”, no ano de 2013. Em 2014 seu conto “Apocalipse Zumbi no Meu Quintal”, ganhou segundo lugar na categoria nacional do IV concurso Vicente Cardoso. **Contato com o autor:** igor.fernando.oliveira@gmail.com.

Na Floresta – Por Ramon Tellado Neto

Caçadores gostam de se aventurar por florestas em busca das mais variadas espécies animais. Quando o alvo é um animal raro, o qual carrega fama brutal por baixo de suas asas colossais e anômalas, a recompensa é imensa para o feito, tal qual suas consequências – a vida, na maioria das vezes.

Visto apenas um punhado de vezes na densa e fantasmagórica floresta de carvalhos e olmos apelidada de “última morada”, o lagarto de seis patas vivia em relativa paz – nada e nem ninguém jamais o matara, sequer o botara em risco. Os que sobreviviam, voltavam tão abismados e de pernas bambas que jamais pegavam em um rifle novamente – somente cacarejavam ao falar do animal assustador, mais assemelhado a algo mesozoico pelas descrições provavelmente incorretas.

Uma floresta pode guardar inúmeros segredos, mas esta havia de guardar algo único e inestimável. Especialistas presunçosos alegavam que quanto maior a proteção natural de um ambiente, mais valiosos os recursos extraídos de lá poderiam ser, sendo um destes o conhecimento. O ser humano busca sempre conhecer mais de si e do passado, mesmo que isto signifique extinguir o alvo dos estudos – o pretensiosismo humano é seu ópio ao ponto que é também a válvula que põe a máquina do avanço em movimento. E a máquina jamais pode parar, não enquanto houver humanos andando sobre a terra.

Todo ano era promovida por todo o país uma expedição de caçadores, arqueólogos, paleontólogos e biólogos para explorarem e demarcarem os territórios da Última Morada. Os cientistas buscavam entender os movimentos e hábitos daquele animal milenar. Como em uma pesca, a isca eram os caçadores, aventureiros natos – alguns mercenários e outros puramente insensatos -, embora nas expedições a força bruta e, vulgarmente denominada, desmiolada fosse o que, de fato, impusesse avanços às pesquisas – os cientistas sem os caçadores não eram ninguém, precisavam deles, enquanto os caçadores praticavam seu deleite fúnebre sem rodeios e ajuda de ninguém senão deles mesmos e suas armas.

Aquele ano era o de número 283 em expedições – nenhuma delas jamais havia extraído algo da floresta, o que fazia das expedições mera tradição sádica regida por sinfonias débeis de esporte – e havia grande entusiasmo por parte dos participantes, pois nunca antes uma expedição contara com tantos homens propriamente treinados para a guerra. Eram soldados profissionais de exércitos de todo o mundo, cada um representando os próprios interesses de suas bandeiras, como não se era de esperar diferente. Isto fazia da expedição não uma procura por conhecimento científico – não por parte dos caçadores -, mas sim uma disputa humana, e era isto o fruto do entusiasmo dos envolvidos: o pretensiosismo move a máquina humana e a competição a põe em pleno vapor.

Era consenso geral o não bombardeamento daquela imensa floresta que, vista por satélite, chegava a ser maior que alguns países do mundo. Os caçadores queriam a oportunidade de caçar o monstro e os cientistas almejavam a preservação daquilo que poderia ser encontrado ali. Dessa forma, todo o avanço deveria tomar parte por terra, para regozijo dos caçadores de emoções.

Um destes caçadores era Mathieu.

Mathieu era um soldado da legião estrangeira francesa – sua nacionalidade, no entanto, era tunisiana, antiga colônia do país europeu. Segurava a bandeira francesa nas missões, todavia, lutava puramente pelos próprios interesses – gostava da aventura e da adrenalina, portanto almejava ser o homem que mataria o tal lagarto ou o que quer que fosse.

Era uma manhã quando os soldados da expedição se movimentaram adentro pela floresta de olmos e carvalhos retorcidos e aparentemente sem vida, dando-lhe o tom fantasmagórico que tanto assustava. Era coberta em vários pontos por uma densa névoa carregada de ar frio. Pessoas treinadas em florestas estão acostumadas ao feito, conhecem o terreno, os sons suspeitos, o que temer e o que não temer, do que se alimentar e do que não se alimentar, entretanto, aquela floresta era diferente, não se assemelhava a nada que antes haviam visto – não era esverdeada como as florestas tropicais, tampouco amarronzada como as savanas e florestas semiáridas, ela carregava um tom acinzentado, como se tivesse há muito pegado fogo e jamais retomado sua vida. Era, de fato, fantasmagórica.

Fora resolvido antes do início da expedição que os caçadores seriam divididos em grupos de cinco para melhor cobrirem os terrenos da Última Morada. Trajando vestes cinza-camufladas, sensores térmicos, armas de calibre grosso, minas e as câmeras dos cientistas nos capacetes, os soldados caminhavam em frente. No grupo de Mathieu havia quatro europeus: um russo, um italiano, um inglês e um ucraniano.

O russo e o ucraniano não se davam bem por questões históricas, assim como o inglês não via Mathieu com bons olhos. No entanto, todos estavam se ajudando, embora em nada conseguissem ajudar os cientistas: quanto mais andavam, mais espessa a névoa se tornava, de forma que as câmeras eram praticamente inúteis.

Foi quando receberam o sinal no rádio: um dos grupos havia sido aniquilado, com a confirmação de outro quinteto que checou o local do ataque. Instintivamente seus corações ficaram mais acelerados e a adrenalina subiu-lhes a cabeça, para júbilo geral. Mathieu olhava para todos os lados atentamente, mas raramente via algo – vez ou outra via movimentos bruscos que sempre se mostravam galhos soltos balançando.

Os avisos vinham com frequência – pelos cálculos do francês, algo em torno de 45 homens já haviam sido mortos em menos de três horas de operação. Era de se assustar e, embora fizessem-se de homens sem medo, suas pernas bambeavam a cada notícia. Quando o inglês pisou em um crânio velho e retorcido no chão, soltou um ganido atípico. O ucraniano zombou daquilo para quebrar o clima fúnebre que ali havia se instalado – clima fúnebre seria a forma correta de chamar aquilo: estavam se preparando para o próprio enterro.

O rádio no ouvido do quinteto tocou mais uma vez: “você são os últimos que sobraram”. Por um momento ficaram em silêncio olhando uns para a cara dos outros. Eles sabiam que estavam fodidos.

A expedição se assemelhava àquelas provas da adolescência em que todos sentam para fazê-la e todos acham graça no fato de pouco ou nada saberem, mas que se torna lastimável e desesperadora na medida em que os companheiros levantam para entregar a prova. No momento em que você é o último a permanecer sentado olhando para o papel, sabe que não adianta mostrar a máscara de sínica alegria, pois não há ninguém para vê-la. Os soldados eram como os alunos, usando máscaras de alfas sem medo do perigo em meio ao monte, mas desmanchando-se em medo longe deste.

“O que nós faremos?!” perguntou desesperadamente o russo. Ninguém possuía uma resposta adequada para aquilo. Arrependiam-se veemente do momento em que entraram ali para se mostrarem corajosos. Perceberam que ninguém olharia para o túmulo deles e elogiaria o ato que, na visão de qualquer pessoa sã, era uma imbecilidade sem tamanho. Não sabiam se voltavam ou se continuavam em frente.

“Pelos meus cálculos, estamos próximos de um lago, segundo o mapa. Podemos chegar até lá, montarmos o bote inflável que carregamos e esperar por ajuda aérea.”

Aquele era o plano mais viável. Talvez com trinta minutos de caminhada chegariam ao lago – se o fariam sem nenhuma perda, era outra história.

“Ouviram esse som? Fiquem quietos! Shiu...” Mathieu ouvira algo se movimentando por perto. Era o sibilar de algo animalesco se aproximando, como se aquilo os estivesse analisando minuciosamente por trás da nebulosa massa de ar frio estagnada diante de seus olhos. Apontaram suas armas enquanto caminhavam lentamente para trás. O sibilo tornou-se mais forte, como se fosse um aviso do que estava por vir. Os olhos estavam fixados na névoa, dedos nos gatilhos e corações na boca. O suor escorria e resfriava a pele, os olhos piscavam rapidamente com palpitações, os dedos tremiam e a cada passo que davam para trás a névoa diante de seus olhos se aproximava, como se os seguisse. Quando o ucraniano encostou as costas em uma árvore que não vira, o russo foi puxado por baixo numa velocidade tão grande que se ouviu o som do osso deslocando tamanha a força do puxão. Os soldados atiraram na direção que o russo fora puxado e correram o mais rápido que podiam na direção norte, onde o lago fazia divisa com a outra extremidade da Última Morada.

O silêncio da floresta era sufocante. O russo havia morrido sem dar um pio sequer, os outros caçadores haviam morrido sem dar um tiro que pudessem ouvir, sem gritos, sem gemidos. Não havia nada na floresta além do silêncio da morte. Os rádios já não funcionavam mais por algum tipo de

interferência magnética, assim como as câmaras, e as pernas já trepidavam de dor enquanto corriam desesperados em direção a um lago desconhecido. O sibilar se aproximava seguido da névoa fria que escoltava o sibilar com a mesma velocidade. O monstro estava no meio daquela massa de ar gélida como a morte, carregando consigo esta.

Mathieu olhou para trás enquanto corria e viu o inglês ser sugado para cima, em direção às copas dos carvalhos retorcidos, em meio à névoa. Nenhum grito novamente. Ao que lhe parecia, filmes de terror sempre mentiram – não eram gritos que assustavam de verdade, mas a dúvida munida do medo: a esta não havia igual. Aquilo era terror – não as guerras, não os filmes, não mulheres naqueles dias, não, só aquilo. E Mathieu levantou e correu sentindo cãibras esmagarem-lhe os músculos da panturrilha. A sua frente, os outros dois soldados já haviam chegado ao lago e abriam rapidamente o bote que se inflava automaticamente.

“Rápido, Mathieu!” gritaram os dois. O tunisiano erradicado na França pulou e nadou com dificuldade pela água sem vida e musguenta esverdeada. A névoa parou na beirada do lago e permaneceu ali sem se movimentar. Os dois sobreviventes pegaram Mathieu e o trouxeram para dentro do bote, pegaram o sinalizador e atiraram para o alto daquele céu sempre nublado escuro que não permitia que a floresta visse sol há tempos.

O francês manteve seus olhos fixos na névoa a fim de ver o que se sucedia, ao tempo que seus companheiro comemoravam a temporária vitória – ele jamais abaixava a guarda. E, num piscar de olhos, viu apenas o rabo de algo que saía da névoa e entrava rapidamente na água provocando uma leve ondulação. O bicho estava ali, debaixo deles, camuflado pelo musgo esverdeado, espreitando-os e pronto para lhes arrancar a vida. Agora não havia como correr ou fugir, a água era pesada e carregada, de forma que era quase impossível remar. E, quebrando o silêncio, o caçador italiano começou a disparar na água a cada borbulhar ou ondular que via. O som era tão alto que esganava os ouvidos.

Os tiros cessados, arma descarregada, medo abafado, e de repente um rastro na água se movimentou de longe até eles. Fora d'água, apenas a ponta de um enorme gancho semelhante a uma garra afiada cortando velozmente os musgos esverdeados que pairavam sobre a água. Os soldados pegaram suas armas e começaram a disparar inutilmente, pois o que quer que estivesse vindo não diminuiria sua velocidade. E, quando as armas estavam prestes a descarregar, a garra do animal rasgou rapidamente o bote, fazendo-o desinflar de súbito. Os homens afundaram rapidamente enquanto batalhavam para se agarrar no resto plástico que ainda boiava devido a um mínimo de oxigênio em seu interior. Quando não restou nada na superfície da água além de seus rostos desesperados, aí o terror realmente se iniciou.

Na água, o que mais há para se temer é a própria natureza desta e o desespero maior que existe é a sensação psicológica de impotência ao buscar algo para se agarrar e nada encontrar, mas aquilo em nada se assemelhava ao momento desesperador de um afogamento tradicional, pois o que mais havia ali para se temer não era a água e sim o que se encontrava nela. Aqueles caçadores estavam acostumados com situações extremas, mas extremismo soaria como eufemismo para aquilo. Era terror, de fato.

O silêncio dos que morreram tão rapidamente que não emanaram sequer um pio na floresta de carvalhos retorcidos era surpreendente, no entanto, o silêncio debaixo d'água era apenas uma constatação óbvia da morte – quando o italiano foi puxado abruptamente para baixo, o único som que sobrou ali foi a respiração ofegante e o bater de braços em direção à terra firme dos únicos dois sobreviventes.

Mathieu a cada momento que sentia um fio de musgo mais grosso lhe encostando no corpo ia à quase insanidade total. Quando o que ia de encontro a ele era um galho quebrado, seu coração praticamente pulava para fora da boca. Seu companheiro já estava do lado de fora da água e partiu em disparada sem qualquer direção esperando pelo golpe fatal. Quando o tunisiano finalmente saiu da água, estava tão exaurido fisicamente que permaneceu parado ali, se entregando para a morte iminente.

Fechou os olhos e respirou fundo. Estava apenas esperando o súbito puxão que o levaria para a morte, todavia, este não veio. E ele permaneceu de olhos fechados, pois lhe matava por dentro a sensação de abrir os olhos e ver diante dele a fera que o perseguira. Após um tempo, finalmente lhe ocorreu que a vida era preciosa demais para jogá-la ao alto tão facilmente, embora qualquer coisa que ele

pensasse em fazer, por mais difícil que fosse, não diminuísse a facilidade com a qual o animal fosse lhe pegar, porém ele era da legião estrangeira e se de fato iria morrer, pelo menos seria de consciência limpa.

Abriu os olhos e entendeu o motivo de ninguém gritar diante da morte. O segredo que era guardado pela fera era ela em si, e o tal monstro nada se assemelhava àquilo que os sobreviventes, se é que de fato eram sobreviventes e não meramente atores contratados, diziam sobre ela – era muito pior. Mathieu não gritou, assim como nenhuma outra pessoa, pois ele já estava morto a partir do momento em que entrara na Última Morada. Apercebeu-se que a aceitação da morte fazia parte dela em si e a única maneira de livrar-se dela era se entregando, assim como fizera no momento em que fechara os olhos – seus companheiros quando foram pegos não o haviam sido por força animalesca, mas porque se entregaram – e não desistir significava ficar ali fugindo da morte para sempre.

Minibiografia: Ramon Tellado Neto é estudante de história, canceriano, praticante de Rugby, leitor assíduo de política, que escreve por prazer, embora vise o profissionalismo um dia. **Contato com o autor:** tellado_net@hotmail.com.

Expressões e “Aberrações” – Por Renata Cezimbra

Era mais uma madrugada fria em Buenos Aires. O inverno se encontrava no seu auge.

Padre Mariano Díaz fazia mais um plantão à base de muito café, pois era nas noites frias que a maioria das pessoas chegava à igreja pedindo ajuda ao religioso. Atendia cada uma com amor e carinho. No entanto, naquela noite, não havia muitas para serem atendidas. Ele aproveitou para continuar estudando sobre as criaturas que não raro aterrorizavam as grandes cidades do mundo há pouco menos de quatro décadas. E agora andavam ali: as Expressões.

Ninguém sabia o que eram ou de onde surgiram embora a primeira história conhecida datasse de 1972. Inclusive ficou famosa, com adaptações, em um daqueles sites cuja função era pegar desavisados de surpresa com histórias de terror tidas como reais. Se bem que aquela era real embora Padre Mariano não tivesse exatamente ideia do ocorrido embora Gregorio costumasse falar sobre uma tal “Creepypasta”. Um site contendo as mais variadas histórias de terror.

O padre, mesmo meio avesso àqueles avanços, resolveu olhar a tal página usando um computador do café lan house próximo à paróquia. O local era 24 horas. O dono sempre o deixava usar de graça em razão do respeito nutrido pelo jesuíta Díaz. O site em questão surpreendeu o padre. Viu-se perguntando de onde as pessoas tiravam tanta imaginação. Se elas pudessem imaginar que a vida real era bem mais assustadora...

— Caramba... – disse ele reconhecendo a figura no post chamado “La Inexpresiva” . Era claramente montagem, mas a feição era muito parecida com a descrição. A semelhança ficou ainda maior após o texto embaixo da foto ser lido:

— Isso é loucura. E ainda, quem escreveu isso cometeu uma blasfêmia daquelas. Se eu soubesse quem foi o infeliz que escreveu isso, daria um belíssimo sermão nele.

— Que foi padre? – o dono do local ouviu algo do que o religioso disse.

— Nada, já terminei aqui. Só precisava saber uma coisa – respondeu Mariano levantando-se do computador escolhido. Reparou, embora não encarasse diretamente, em um estranho aspecto do dono da loja não visto antes: as costas das mãos cheias de tufos grossos e grandes de pelos escuros. Aquilo era sinal de um vampiro aberrante (possuidor de sangue demoníaco).

— Tudo bem. Quer um café? Imagino que você tá fazendo plantão até as cinco – disse o dono sorrindo.

— Pode ser. Gracias, Paco – o padre sentou-se. Esperou dois minutos até chegar um fresco e delicioso cappuccino, a especialidade da casa depois das medias lunas com recheio de doce de leite.

O religioso vagarosamente bebeu o café. Paco ausentou-se para decerto disfarçar os pelos das mãos que podiam chamar atenção. Mariano terminou a quente e encorpada bebida que afastava o sono quando forte. Resolveu, afinal, confrontar o dono do local sobre quem ele realmente era. Já fazia um tempo que o jesuíta andava desconfiado de o proprietário nunca aparecer na loja antes da noite cair. Existiam, no entanto, outros dois motivos para a desconfiança do padre.

Nenhuma vez Díaz vira Paco Garcés comer ou beber durante as quermesses, às vezes noturnas, as que ele ia, organizadas pela comunidade. Para arrecadar donativos para crianças carentes e/ou com algum tipo de câncer ou doenças variadas. E o fato de que ele não falava nada sobre sua vida antes de chegar ali, há pelo menos uma década. E outra suspeita que o padre não ousou falar em voz alta. Em razão da polícia já andar naquela investigação desde a história ter início, nove anos antes.

Mariano já subia a escada para o andar de cima quando escutou um horrendo guincho vindo de fora. Tratou logo de puxar a arma de balas bentas trazida consigo. Ficou com seu crucifixo à mão, descendo degrau a degrau até chegar à entrada que acessava à loja. Viu algo muito parecido com a criatura do post lido minutos antes, porém, com um diferencial absurdo: pelo menos duas dezenas e algo de marcas de projétil espalhadas pelo corpo, por sua vez coberto de sangue, como no texto.

O religioso se perguntou que horror era aquilo. Pessoalmente era ainda pior, já que ele claramente podia ver o rosto sem emoção alguma. Menos ainda tinha sobrancelhas, cílios ou pálpebras.

Embora aquilo mais parecesse manequim de loja, os movimentos eram normais. Apesar de ser impossível ver um traço de qualquer parte do corpo debaixo daquele manto branco.

De repente, o padre se viu perto de berrar ao ver uma mão saindo do traje e bater no balcão como se chamasse. Estava longe de ser comum: a mesma parecia estar em avançada decomposição. Senão pelas longas unhas que faziam no móvel um barulho insistente e perturbador. Mariano Díaz se viu tentado a atacar a criatura, mas preferiu esperar e ver o que ela faria.

Enquanto a coisa permanecia parada, Díaz repassou o que já lera sobre as Expressões: a aparência de manequim, o alongado e sangrento manto branco. E o fato um tanto ilógico, pelo menos na primeira vez que se lia sobre, das criaturas surgirem de fantasmas perturbados pelo fato de não terem conseguido seu descanso eterno. No entanto, era incompreensível como acontecia, pois era impossível, pelo menos em teoria, fantasmas assumirem forma corpórea.

Se bem que, considerando o que o padre já testemunhara em anos caçando criaturas malignas, era incapaz de duvidar da veracidade daquilo embora tal coisa fosse, por si mesma, a mais absurda contradição. Foi quando o rosto se metamorfoseou em alguém que Mariano conhecia até demais...

— Isso tem que ser piada – pensou ele mais para dentro do que de costume.

Mariano Díaz lembrava-se daquela maldita manhã de 1973. Daria qualquer coisa para nunca mais ter pesadelos com aqueles vinte e três tiros. Com todo aquele sangue na calçada. Os gritos de quem havia visto tudo ao vivo e a cores. Rubras e viscosas que até hoje o perturbavam. As coisas, porém, que mais o atormentavam, era o fato de que os culpados nunca haviam sido punidos. E a história não oficial ser ainda mais perturbadora que a conhecida pelos livros.

Os chamados “Montoneros” andavam sendo ajudados por vampiros de “alto escalão”. E os malditos, quando não mandavam subordinados, algumas vezes “metiam a mão na massa”. O religioso recordava-se de quando o governo militar dos anos setenta ordenara, em segredo, a perseguição e captura dos chamados “Caçadores”. Humanos nascidos com o poder para detectar e caçar criaturas sobrenaturais. Ele próprio havia sido vítima de tal perseguição. Passara pelo menos dez anos fugindo junto da mãe. Motivo? O governo planejava criar uma “tropa de elite” secreta usando tais seres com o objetivo de manter perpetuamente o poder.

Os safados militares haviam dado a desculpa, quando assumiram, de que apenas queriam combater os comunistas. Era compreensível, pelo menos inicialmente. Considerando que o comunismo comprovadamente não passava de uma ideologia sem nenhum propósito decente embora o capitalismo por si só não fosse aquela maravilha. O problema, no entanto, era que tinha sido desnecessário fazer toda aquela bagunça, incluindo arruinar o país e especialmente, meter gente que nada tinha com isso em torturas e morte. “A noite dos lápis” era um desses muitos fatos. E Díaz conhecia cinco daqueles jovens.

E com prazer, ele e seu professor, Padre Jacó, caçaram alguns daqueles desgraçados torturadores ou apoiadores para entregá-los às autoridades. Embora tivessem tido que matar um deles, que estava sendo apoiado por um vampiro, de quem seu mestre tirou a cabeça usando uma cimitarra de duas lâminas.

Parou com as lembranças quando o “fantasma corpóreo” virou-se na direção dele. Ele só o observava sem proferir uma única palavra enquanto Paco descia a escada: — Imagino que você está perguntando muitas coisas, meu amigo religioso. Uma delas é sobre quem sou eu. E aposto que a outra é sobre o que ele faz aqui.

— Eu... testemunhei a morte... do Rucci. Tinha acabado de fazer dez anos quando aconteceu. Foi horrível – respondeu ele repentinamente abalado com aquelas lembranças.

— Posso entender o seu abalo, Mariano. Ver esse tipo de coisa não é fácil para alguém, especialmente quando você tem o “gene” do Caçador – disse Paco para espanto de Díaz, que confirmou a suspeita sobre ele ser um aberrante. Apenas esse tipo de vampiro era capaz de detectar um como o padre. Vampiros rastreadores eram capazes de fazê-lo, mas sem a mesma precisão. Apesar de que tais tipos eram raros, pois o surgimento de um resultava em caçada quase imediata da criatura para exterminá-la, pois elas costumavam ser perigosas e incontroláveis.

Entretanto, Paco Garcés não se parecia nada com “perigoso” ou “incontrolável”. Embora os casos de alguns notórios arruaceiros dali intrigassem a polícia desde nove anos antes. Pois sempre que

um desses queria “botar banca”, aparecia brutalmente surrado e com incontáveis hematomas pelo corpo e rosto. E as “vítimas” sempre tinham um aspecto em comum: eram pessoas violentas e alcóolicas. Não raras vezes tinham histórico policial de violência doméstica, inclusive agredindo suas esposas quando as tinham. E a polícia não achava nenhuma pista que levasse a algum suspeito.

Agora, contudo, ele estava certo de que Paco era o responsável por esses crimes. O importante, porém, no momento era descobrir o que Rucci fazia ali naquela forma sinistra e o que ele esperava olhando tão fixo o padre...

— O antigo dono desse lugar era amigo dele. Os dois eram muito apegados um ao outro. Ele sempre vem aqui para tentar falar com ele, mas o Padre Jacó enviou o espírito para o eterno descanso. O Rucci não sabe disso por que as Expressões não conseguem detectar esses acontecimentos – respondeu o vampiro que logo depois pôs a peluda mão no queixo:

— Ele deseja ir ao outro lado. No entanto, você não pode lidar com isso sem ter um artefato especial. Eu te aconselho, por agora, a exorcizá-lo tocando nele com sua cruz. Ele vai passar uns meses sem se transformar, mas...

— Eu sei. Li sobre isso há pouco. Acho que por enquanto não tenho escolha – disse ele aproximando-se da “coisa” vagarosamente. A mesma voltou ao rosto inexpressivo e abriu um sorriso que assustou um bocado o padre: os dentes enormes e afiados que impossibilitavam fechar a boca sem causar um “rasguão” na mandíbula. Certamente pensava em rasgar alguém no meio, considerando que a apodrecida mão levantava-se como que pronta para um ataque. A outra, em um estado tão horrível quanto a anterior, fazia movimento parecido.

Foi quando o religioso colocou a cruz sobre o peito. Recitou o Salmo 91 da Bíblia Sagrada mais a Oração de São Francisco. Lançou o objeto sagrado sobre a criatura, que soltou um horrendo urro de dor com o contato. Em seguida voltou a ser uma criatura incorpórea que logo saiu em desabalada corrida pela rua, causando a impressão de uma ventania.

Aliviado, Padre Mariano Díaz se viu exausto depois daquela loucura. Achou melhor voltar à igreja para dormir, despedindo-se de Paco cordialmente. Olhou-o, porém, como se dissesse: eles ainda conversariam. Ao que o dono da loja retribuiu com um enigmático sorriso.

“La enigmática sonrisa” que era vista por alguém...

— “El invierno se acerca”.

Aquela tarde de junho em Medellín

Tudo acontecera rápido demais.

Uma imensa e espessa nuvem de fumaça negra tomava conta de parte do aeroporto.

Gritos horríveis anunciavam a eminente presença da Morte. Um homem tossia como nunca e corria como se daquilo dependesse sua vida. Tentava enxergar algo no meio daquela inacreditável névoa quente e escura. Não queria pensar o pior, mas certamente havia acontecido. Sentiu um impacto demasiado próximo. Certamente uma peça de fuselagem ou parecida havia caído ali perto. Deu graças a Deus por não ser atingido. Precisava saber. Tinha. Daquilo dependeria o futuro da Terra.

Apenas minutos depois, Volgin nunca sentiu o Fim tão próximo. Os aviões tinham se chocado de forma brutal menos de um minuto antes. Explodiram com tal força que o homem admirou-se, assustado, de ninguém ali fora ter se ferido. E apavorado estava ao pensar que podia ter morrido, ou gravemente se ferido, junto dos outros, que decerto estavam mortos ou pelo menos seriamente feridos. Talvez com quase nenhuma chance de sobreviver.

O caos causado pelo acidente terminou com a chegada do resgate. Ou pelo menos em teoria. Era possível ouvir vozes muito altas fazendo comentários consternados. Outros, furiosos. Mais deles, inconformados. Todos, porém, com o mesmo sentimento: uma tragédia inominável havia ocorrido e nada eles podiam fazer para revertê-la.

Na verdade, porém, alguém podia. Ou pelo menos o homem ali presente achava. Miguel Ângelo, nome de batismo do célebre hematologista Dr. Volgin, esperava que pelo menos uma centelha de vida

ainda corresse por aquele corpo agora carbonizado no chão do aeroporto. Reconhecível pela perfeita arcada dentária, documentos e duas plaquinhas com nome e endereço.

Deus, que visão horrível, pensava ele enquanto tinha certeza de aquele acidente não tinha causas típicas de um aéreo. Nada de problemas topográficos ou meteorológicos. Menos ainda problemas de motor ou coisa parecida. Sim um atentado cuidadosamente planejado por criaturas malignas desejosas de impedir a união dos Guerreiros da Lua. De repente, chorou de raiva. Não era justo. Ele não merecia! Os malditos responsáveis iriam pagar não importava quanto tempo demorasse! Janus decerto já sabia. Com certeza estava furioso. E mais certo ainda era sobre o Ancestral não desistir da vida do cantor por mais pouco provável que fosse ele ainda viver após aquilo.

Alguém talvez se pergunte como ele sabia de tudo aquilo. Miguel Ângelo, ou simplesmente Dr. Volgin, era um dos poucos humanos a conviver com a fauna sobrenatural mesmo não sendo vampiro, lobisomem, bruxo, Caçador ou algo parecido. Janus, um dos mais poderosos Ancestrais, gostara muito do então rapaz recém-formado médico. Ele achou que o jovem poderia aprender a não ser tão obtuso como os outros mortais. Motivo pelo qual criou uma ligação mental com o médico, que sempre se assustava com aquilo. Miguel nunca acharia ser capaz de mudar alguns de seus conceitos fortemente arraigados desde o nascimento. O fizera, porém.

Às vezes, no entanto, perguntava-se se realmente conseguira mudar todos. Era um tanto difícil conviver com algumas coisas, na verdade. Especialmente o incondicional carinho que Gardel lhe dedicava quando se encontravam. Tinham os dois criado amizade durante a fase final da vida da esposa do médico, uma doente terminal de leucemia. A senhora Volgin era incondicional fã do “Zorzal Criollo” e um de seus últimos pedidos havia sido uma visita e uma canção. Miguel atendeu o desejo e desde esse dia, o cantor nunca mais havia se separado dele. Os dois haviam criado intensa ligação embora o hematologista se assustasse dela com mais frequência do que desejava.

Agora, entretanto, percebeu que sentiria muita falta dele. De sua forma espontânea de ser. De quando o abraçava com profundo carinho. De sua voz inigualavelmente única. Novamente chorou. Dessa vez, ajoelhado ao chão e as mãos ao céu em entristecida oração. As lágrimas ainda lhe corriam soltas quando um policial ofereceu-se para ajudá-lo a levantar, dizendo lamentar por aquela horrível perda. E que se quisesse, poderia acompanhar o transporte dos cadáveres ou ir ao hospital com os sobreviventes. Volgin escolheu ir à morgue após sentir uma ponta de dor na cabeça, sinal que Janus lhe enviava uma mensagem...

“Esteja na morgue durante a necropsia. Já descobri o autor da trama macabra. Explicarei quando chegar. Irei pelos esgotos abaixo da cidade.”

Apenas meia hora depois, o médico estava junto no escritório médico legal da cidade pronto para muito provavelmente reconhecer os corpos. E quem sabe fazer algo mais complicado. Estranhou que um corpo havia chegado ali pela porta dos fundos, mas nada disse. Achou igualmente estranho que alguns legistas estivessem com os olhos fixos em única posição. Será que eles estavam sendo manipulados? Se fosse, como Janus teria feito? Tecnicamente, era impossível ele fazer aquilo de uma distância tão grande. Ou será que o vampiro já estava escondido no esgoto desde o amanhecer?

Veio a resposta quando alguém o chamou para a sala onde o corpo de Carlos Gardel agora se encontrava. Entrou mesmo que a visão do cantor morto fosse ainda mais horrível naquela distância tão curta. Perguntou: — E a sua equipe? Vai demorar?

— Eles já estão autopsiando o falso cadáver de Carlos Gardel. Nós vamos levar o verdadeiro para onde o mestre está – respondeu ele para o espanto de Volgin, que gesticulou desejando entender como assim aquilo estava acontecendo. E quem era ele.

O legista disse chamar-se Alfredo. Servo fiel de Janus há mais de dez anos. E hoje tinha servido de “receptáculo espiritual” para que o vampiro pudesse agir no local armando devidamente para pensarem sobre Gardel estar definitivamente morto. Volgin disse agora reparando que alguns tecidos do corpo lentamente regeneravam-se:

— Como ele... faz isso? Ele te disse alguma coisa sobre quem fez todo esse horror?

— Janus tem poderes que nem mesmo eu sei explicar. Apenas vi como ele usa. Não é muito confortável, mas às vezes é necessário – Alfredo deu uma pequena bufada e logo respondeu à outra

pergunta: — Parece que tem um Antigo como mandante. Não sei os detalhes, mas pelo visto é algo envolvendo uma possível vingança em razão de fatos ocorridos há séculos. Só mesmo ele pode nos dizer alguma coisa. Ele já deve estar se materializando pelas tubulações do esgoto.

Minha nossa, pensou Miguel. Cobriu Gardel com o lençol da morgue não sem antes perceber que um dos olhos dele encontrava-se intacto apesar do horrível acidente. Perguntou qual era a “causa mortis”...

— Queimaduras de quarto, quinto e sexto grau generalizadas e sangue na região temporal, maçãs do rosto e no olho direito. Em razão das queimaduras, parte das costelas está exposta. E as pernas foram quase amputadas e estão brutalmente retorcidas devido ao fogo. Os pés vão precisar de sério reparo, estão quase incinerados – o legista dizia enquanto pensava em como Janus iria consertar aquele dano todo. Duvidou que o poderoso sangue do Ancestral fosse fazer perfeita reconstrução, porém, achou melhor esperar.

— Por Deus, nem me diga algo assim. Será mesmo que ele ainda vive? Eu sei sobre aquilo de, em razão do sangue Ancestral, o coração trabalhar tão fracamente que nenhum ouvido humano é capaz de ouvir, mas nesse caso, foi sério demais para não achar qualquer coisa – Volgin pôs a mão na boca em nervosismo.

— O corpo dele está regenerando muito devagar, mas está, então podemos ter esperança. No entanto, ainda vamos precisar trabalhar para que ele pareça como antes. Ou pelo menos ficar próximo disso – o legista estava ansioso para sair logo dali.

— Nós vamos conseguir, se assim o destino quiser, amigos – uma voz forte e poderosa ecoou na sala e logo uma espessa névoa tomou a exótica forma de Janus. Um sorriso dobrava os bigodes de forma engraçada e a careca brilhava a despeito da fraca luz da sala. O cavanhaque pontudo dava-lhe aparência de gênio de histórias fantásticas árabes embora sua pele fosse clara de tal modo que ele podia ser transparente.

— Por favor, você pode contar sobre o porquê de todo esse absurdo? – o hematologista via-se curioso. E assustado.

O vampiro suspirou: — Vingança. O desgraçado que armou isso achou por bem tentar me fazer pagar por tê-lo impedido de ir em frente com um absurdo plano de obter o poder absoluto neste mundo usando uma invocação da qual não ousei dizer o nome. O principal ajudante humano dele está nesse momento sendo autopsiado no lugar do verdadeiro cantor. Com direito a mesma bala no pulmão que tem meu pobre garotinho. E não vou dizer que estou arrependido de tê-lo matado. Qualquer coisa para salvar “el morocho de Abasto” e a Terra. E se isso incluir minha morte definitiva, aceito de bom grado.

— E se esse tal descobrir, o que faremos? – Alfredo temia que algo desse errado.

— Eu já tenho um “plano B”, meu amigo. Se esse Antigo pensa conseguir seu objetivo, ele engana-se. Quando ele menos esperar, irei arrancar sua cabeça e mostrar aqueles aliados dele que comigo ninguém se mete e sai impune! – exclamou ele com raiva, deixando Volgin espantado: — Não é melhor sairmos logo daqui? O processo terá melhor efeito se for logo iniciado, não acha?

Janus concordou, percebendo que começavam a perder tempo. A sobrevida causada por seu sangue daria pelo menos doze horas extras para Gardel. A transformação de certa forma havia começado, porém, ele seria capaz de resistir à toxicidade do sangue da criatura Ancestral? Miguel não tinha certeza embora tivesse passado os últimos dez anos dando aquele perigoso líquido ao cantor colocando em suas bebidas, no que ele comia, nos cigarros, etc. Sentia-se culpado por aquele “envenenamento”, mas quanto mais cedo começasse, maiores eram as chances de o cantor sobreviver à transmutação quando ela ocorresse.

Admitia Volgin, porém, não gostar das circunstâncias colocadas naquele caso. Em razão de o acidente ter sido causado por um poder diabólico, os ferimentos eram muito mais difíceis de curar e até mesmo exigiriam um tratamento muito mais rigoroso. No fim das contas, já estavam saindo do prédio pela porta dos fundos com o corpo do cantor em uma maca coberto por um lençol. Iriam eles cuidadosamente transportá-lo ao fim da cidade de Medellín.

Meia hora depois, estavam em uma mansão digna de Hollywood. O tempo continuava tão ruim quanto na hora do acidente. Alfredo e Miguel levaram Gardel para dentro do local com muito cuidado e

logo o puseram sobre uma mesa, descobrindo-o para ver se mais tecido havia regenerado. Espantaram-se ao ver que grande parte da carne havia recuperado a antiga aparência embora algumas partes apresentassem início de necrose e o couro cabeludo estivesse seriamente danificado. As pernas continuavam com os mesmos cortes. Necessitariam de fortes suturas para se recolocarem no lugar. O rosto, por sua vez, apresentava desfiguração séria em um dos lados, indo da testa até o queixo em diagonal.

— Coloquem-no naquele tanque. Está repleto de sangue humano misturado ao meu. Ele ficará ali até termos de condições de fazer procedimentos definitivos. Eles necessitarão que o deixemos com as mínimas condições de ser submetido a estes processos – disse Janus para em seguida ajudar os dois a fazerem a transferência.

Antes que o colocassem no enorme recipiente, porém, o Ancestral olhou-o com reverência e passou uma das mãos sobre o cabelo que ainda voltava a crescer: — Descansas, meu anjo. Fiques tranquilo. Eu sempre estarei ao teu lado. Agora, tenha longos e bons sonhos, filho meu.

— Quanto tempo? – Volgin sabia que o vampiro havia colocado seu futuro discípulo em longo sono. Que tornaria possível recuperá-lo sem maiores problemas. Janus nada disse, mas seu silêncio parecia dizer: o quanto fosse necessário.

Ou pelo menos eles esperavam que assim fosse. Seria um longo tempo repleto de estranhas expectativas.

De repente, o Fim não parecia mais tão próximo.

Minibiografia: **Renata Cezimbra** é Professora de Português e Literatura, desempregada em tempo integral. Whovian doida, sherlockian maluca, tokufã recém redescoberta, animefan redescobrando os doces sabores da infância, vampiromaniaca, fanática por filmes de terror (antigos são seus preferidos), concurseira por querer um emprego bem pago e um monte de outras criaturas com "an" no final. Fã quase incondicional da Shakira e de música realmente boa no geral. E apaixonada pela Buenos Aires de todas as épocas e ritmos. Blog: <http://asteimosiasdeumadama.wordpress.com>. **Contato com a autora:** ladytrotsky@hotmail.com.

A Pequena Susie – Por James Gallagher Junior

Indiana, 1958. Na pequena cidade de Gary viviam Elizabeth e Ben Dapper, pai e mãe de uma garotinha de apenas 8 anos de idade, chamada Susie. No inverno daquele ano, Elizabeth Dapper morreu de câncer, uma doença que vinha lhe acompanhando há mais de 2 anos, Ben agora era o único parente de Susie, já que seu pai (que também vivia com eles) havia falecido há 8 meses, essas perdas repentinas haviam mexido com a cabeça de Ben, ele passou a beber constantemente e quase que diariamente chegava do trabalho embriagado, mal havia se passado 2 meses desde a morte de Elizabeth, e Ben já tinha arrumado uma companheira, uma mulher de caráter peculiar, problemática, e cheia de vícios, mas Ben apenas queria alguém para cuidar de sua casa e filha enquanto se ausentava.

Susie ouvia discussões em meio à coisas se quebrando quase que diariamente, após ser colocada na cama. Envolvida por suas bonecas de porcelana, Susie não largava sua caixinha de música, que foi dada por sua mãe 3 semanas antes de morrer, aquilo à deixava mais segura e confortável, principalmente quando botava pra tocar, pois aquela melodia era cantada por sua mãe todos as noites quando ia lhe por para dormir. Susie passou a ser uma criança infeliz e mal tratada, sem o carinho da mãe e a atenção necessária do pai, ela muitas vezes procurava solidariedade em sua madrastra, que por sua vez, só lhe rejeitava e arrumava-lhe afazeres, sempre se queixando da canção que Susie vivia cantarolando pela casa, a mesma da caixa de música. Então, em meio à toda aquela cacofonia de desprezo e solidão, Susie passou a ver e ouvir seu avô já falecido, o qual passava a conversar constantemente em meio aos seus horários de brincar, sua madrastra resmungava ao seu pai, coisas do tipo: - Vamos levá-la num psiquiatra, vamos internar esta menina!!!

Desde cedo, Susie foi ensinada a rezar todas as noites antes de dormir, e já por um longo tempo, tudo que ela pedia, de certo modo, era paz. Porém entendia que suas orações eram negligenciadas, que ninguém parecia se importar e que não tinha ninguém para amá-la.

Susie passava seus dias rotineiramente, de modo e aspecto quase autista, pois não tinha ninguém para brincar, nenhuma criança vizinha ou familiar, ela dizia que seu avô contava-lhe historinhas para passar o tempo, isto irritava sua madrastra, assim como sua caixinha de música, a qual Susie sempre colocava para tocar num horário próximo ao de almoçar. Certo dia, após uma discussão com Ben por telefone, Diana, impaciente (assim era chamada a madrastra de Susie) à colocou para brincar no quintal dos fundos e trancou a porta. Sem suas bonecas ou caixa de música, Susie se sentiu desolada e se pôs a chorar, antes percebeu que havia chegado um homem estranho em sua casa e de mãos dadas com sua madrastra ele subiu as escadas em direção ao quarto, para a pequena Susie aquilo pouco significava, devido à falta de compreensão por sua pouca idade, mas um vizinho também havia visto, no entanto fez vista grossa e passou a conversar com Susie do outro lado da cerca. Ele havia lhe perguntado por que ela chorava. E tudo que Susie dizia, era: “Eu quero a minha mãe.”

No fundo, Susie sabia que ninguém se importava com ela. Dias depois ela passou a afirmar que o seu avô havia lhe reclamado, e que o motivo era por ela não ter feito o que ele havia lhe pedido: “esfaquear seu pai e sua madrastra”, aquilo deixou Diana muito assustada, e em meio há uma conversa séria com Ben, decidiram procurar um colégio internato para a pequena Susie, um lugar onde ela poderia crescer com os devidos cuidados, mas acima de tudo, Diana queria mesmo era se ver livre daquele carma, porém Ben afirmou não ter dinheiro para pagar tal instituição, pois acabava de ser demitido do seu emprego. 3 dias depois, Diana havia lhe deixado, mas prometeu voltar para buscar o resto de suas coisas. Ben andava impaciente e deprimido, voltou a beber com a frequência de antes e aos berros vivia mandando Susie tomar banho ou se deitar.

Na falta do que fazer, a criança passou a desenhar nas paredes, o que fez com que seu pai lhe batesse pela 1ª vez (mesmo que tenha sido apenas leves palmadas), ele também dizia estar cheio de ouvir ela falar de sua mãe, de cantarolar aquela melodia irritante ou até mesmo de seu avô lhe dizendo coisas

absurdas. Ben tinha presenciado algumas conversas solitárias de Susie, mas via aquilo como algo normal, pois toda criança costuma ter amigos imaginários, até que certo dia ele viu uma cadeira se mover próxima à Susie, e quando lhe foi perguntada por aquilo, ela afirmou ter sido seu avô chateado com ela. Dias depois, na manhã de 29 de agosto, Ben foi visto saindo de casa às pressas, logo cedo. Naquele mesmo dia, Diana viria buscar suas coisas (conforme havia combinado com Ben), mas ao fim da tarde, um telefonema anônimo de alguém dizendo ter ouvido gritos, trouxe a polícia à casa de Ben e ao chegarem lá, encontraram a pequena Susie morta, caída à beira da escada. Ela estava deitada delicadamente com o seu vestido de época um pouco rasgado, mas graciosamente arrumada, segurando uma de suas bonecas. Susie tinha sangue em seus cabelos, provido da pancada em sua cabeça, durante a queda. Todos vieram ver a garota desfalecida, e de repente uma voz na multidão disse: “Esta garota viveu em vão”, seu rosto carregava muita agonia e tensão ao que os olhos lhe viam, mas de todos ali presentes, apenas seu vizinho a reconhecia, e ele chorou enquanto se abaixava para fechar os olhos da pequena Susie, e disse: “Levante-a com cuidado. Oh, o sangue em seus cabelos...”

Em seguida, o corpo de Susie foi levado ao legista, seu pai chegou embriagado ao necrotério 4 horas após a necropsia, juntamente com sua ex-companheira, Diana.

Ambos afirmaram não ter conhecimento de quem poderia ter feito aquilo.

A polícia não conseguiu chegar a qualquer conclusão do caso, apenas conseguiram prever o horário do acontecimento, não haviam provas ou qualquer vestígio de um crime.

Havia um mistério sombrio no ar, tão jovem e bela, Susie foi enterrada na tarde do dia seguinte, e sua caixa de música nunca foi encontrada.

Minibiografia: James Gallagher Junior nasceu em fevereiro de 1979 e desde cedo passou a se interessar por literatura, sua infância e adolescência ficaram marcadas por colecionar histórias em quadrinhos, logo, começou a escrever seus próprios contos e compor músicas. Atualmente reside em Recife-PE e pretende brevemente lançar o seu primeiro livro. Blog: <http://vampiroalendaviva.blogspot.com.br>. **Contato com o autor:** franhealy2013@hotmail.com.

Patrocínio: Livro Destaque
www.livrodestaque.com.br

Fábrica de Ebooks
www.fabricadeebooks.com.br